

TIAGO FELIPE DA SILVA

O FUTEBOL NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: OS SIGNIFICADOS DO
TORCER PELO ESPORTE CLUBE DEMOCRATA

Belo Horizonte
2011

TIAGO FELIPE DA SILVA

O FUTEBOL NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: OS SIGNIFICADOS DO
TORCER PELO ESPORTE CLUBE DEMOCRATA

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como quesito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação
Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte
2011

S586f Silva, Tiago Felipe da
2011 O futebol no interior de minas gerais: os significados do torcer pelo esporte clube democrata. [manuscrito] / Tiago Felipe da Silva
94f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 77-81

1. Futebol - torcedores - Teses. 2. Educação Física – Teses. 3. Lazer – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada ***O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata*** de autoria do mestrando **Tiago Felipe da Silva** defendida e aprovada em 24 de março de 2011, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Escola Superior de Educação Física, Ginástica e Saúde
Universidade Federal de Pelotas

Dedico esta dissertação aos meus familiares, amigos e aos democratenses que a ela deram vida.

*Esporte Clube Democrata
És uma equipe de grande tradição
Pantera de sangue alvinegro
A tua força faz tremer qualquer leão*

*Democrata sinônimo de luta
Força, coragem e esplendor
Pantera, teu lema é a vitória
Teus dias são de glória, de raça e amor*

*És o orgulho do Vale do Rio Doce
Tua camisa é a imagem do poder
O teu passado reflete no presente
Um futuro que haveremos de vencer*

*Se acaso a derrota acontecer
Não vai ser nada, iremos prosseguir
O que importa é a nossa união
Porque unidos a vitória há de vir*

*Esporte Clube Democrata
O teu nome exprime liberdade
És a esperança de tantos corações
Alvinegros que te amam de verdade*

*Democrata és o grito de um povo
Uma união cujo lema é vencer
Vamos, Pantera, nada temos a temer
Nós somos brasileiros, Democrata até morrer.*

(Hino do Esporte Clube Democrata. **Letra e música:** Rosenberg Pettersen)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que vem conduzindo meu caminho e transformando as dificuldades em oportunidades de ricas experiências e de crescimento durante todo esse processo.

Aos meus pais Nair e Francisco, pelo apoio e amor sempre. Sem vocês a realização desse trabalho não seria possível. Obrigado pelas compreensões e dedicação, vocês fazem parte dessa conquista.

Às minhas irmãs Diva, Carla, Valéria e Cristina, pela cumplicidade, orações e companheirismo mesmo estando longe. Ao meu irmão Júnior pela parceria e amizade.

Aos primos, tios, cunhados e amigos incentivadores nessa jornada.

Ao Altair por participar ativamente de minha vida “futebolística”, por me levar aos jogos do Democrata quando criança, por todo o envolvimento e por ter aceitado participar da pesquisa, valeu fi!

Ao amigo e orientador Silvio, obrigado por acreditar nesse trabalho e apostar em nossa parceria. Sou grato pelas conversas, histórias, discussões, e todo aprendizado que me foi possibilitado nesse encontro.

Ao GEFuT, grupo em que compartilhei tantos momentos de alegrias, tristezas e incontáveis experiências. Pessoas que contribuíram para meu crescimento profissional, pessoal e acadêmico. Sou grato a todos. Nicácio, parceiro para todas as horas, amigo acadêmico, profissional, pessoal e futebolístico. Ao capitão “Marcos Aurélius”, pela sensibilidade, ajuda, parceria, contribuição nas coletas e por ser um amigo com quem pude compartilhar a paixão pelo futebol, pela música, e pela poesia; fora os jogos de tênis; valeus! Ao Andrezão, Tio Phil, TJ, primo Jef, Dezinha, Ananda, Melzinho, Bela, Luizim, Brunão, Luíza Fenômena, Marina e Gino. À colega de turma, de grupo e de estudos Mari. À Pri pelas contribuições no projeto e todo auxílio.

Ao Tim Filho pelo apoio, disponibilidade, por aceitar participar do estudo e oferecer todas as informações e dados necessários quando solicitado. Obrigado!

Ao Wemerson Amorim pelo incentivo e primeiros contatos com GEFuT.

À galera do Santo Agostinho, em especial aos amigos Giovanna, Fafá e Cris!

Ao Luiz Antonio e à Diva pelos “cafés dialéticos”, disposição em me receber em BH, pelo incentivo, palavras de apoio e por terem participado de toda essa caminhada dividindo as alegrias, tristezas, tensões e experiências preciosas.

Ao amigo Quefren por sempre ser um incentivador de minhas investidas acadêmicas e por ser imensamente responsável por minha formação. À “Déia” pela amizade, aprendizado, intermináveis conversas e apoio sempre, obrigado de coração! Tiago Lavoura, amigo corintiano sofredor com quem pude dividir alguns momentos dessa caminhada. Ao Kássio... Saudades eternas!

Aos colegas de mestrado Adriano, Marie, Renato e Luciano.

A toda galera do PET, kk, Poli, Renatinha, Rosy, Ranucy!

À Letícia Moraes (Léts), pela amizade, apoio, transcrições e disposição sempre!

A toda galera da Univale, alunos, amigos e professores.

Ao Thiago Scherrer pela parceria profissional e pessoal ao longo desse processo. Ao Dangelo e a Fernanda pelo companheirismo. Ao Dangelo e a Fernanda.

Ao Alexandre, primo, amigo e companheiro profissional!

Ao amigo e companheiro sempre, Glauber Klay. Parceiro nas discussões filosóficas; nas transcrições e na forte amizade. Muito obrigado!

Ao Magrão e a toda família Diniz, que aos 45 do segundo trouxeram momentos descontraídos e divertidos.

Ao Rigo pela disposição em participar desse trabalho.

Ao amigo Zé Alfredo por compartilhar saberes e experiências que ultrapassam a sala de aula, e por ter aceitado participar da banca.

À Cris e Hélder por terem marcado minha formação nesses dois anos!

A todos que de alguma forma contribuíram e participaram dessa caminhada, obrigado!

*Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este estudo buscou investigar como se configuram as relações e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares / MG. Os objetivos que conduziram este trabalho foram: (1) analisar por que os torcedores se tornaram democratenses; (2) analisar como os torcedores exercem o torcer; e (3) compreender os significados que os torcedores atribuem ao “ser democratense”. O caminho investigativo foi orientado pela abordagem qualitativa, que buscou um diálogo entre os dados emergentes no estudo e os autores que discutem especialmente o futebol, o lazer e o torcer. Para alcançar os objetivos pretendidos, lancei mão de anotações de campo, observações e entrevistas. Foram selecionados 14 torcedores para a realização das entrevistas, tendo-se em conta a variação de sexo, idade e “grupo” (torcedores organizados, torcedores-símbolo e torcedores comuns). A coleta de dados foi realizada no ano de 2010 em dois momentos distintos: primeiramente, durante a participação do Esporte Clube Democrata no Campeonato Mineiro de 2010, momento em que acompanhei o time e selecionei os sujeitos para a pesquisa; posteriormente, procedi às entrevistas com os torcedores. Foi possível perceber que a configuração dos significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata se dá por três características fundamentais: (1) a relação com a cidade, motivação que leva os torcedores a associarem o torcer pelo time ao torcer pela cidade e ao sentimento de pertença à cidade; sob esse aspecto, ser democratense significa ser valadarense; (2) o pertencimento clubístico, expresso pelo torcer e pelo pertencer ao clube, numa relação de doação, gratuidade e paixão pelo time; e (3) a relação com o lazer, em que se apresenta a “festa da torcida valadarense”, e como os significados produzidos também se relacionam com a sociabilidade e a diversão possibilitados pelos jogos na cidade.

Palavras-chave: Significados do torcer, Esporte Clube Democrata, Futebol, Lazer.

ABSTRACT

This study sought to investigate the foundations of the social relations and meanings of cheering for the Esporte Clube Democrata, a soccer team from Governador Valadares city, in the state of Minas Gerais, Brazil. The goals that led this study were: (1) to analyze why people have become fans of that team, (2) to examine how fans prosecute the cheering, and (3) to understand the meanings that fans assign to being a fan of Democrata team. The investigative research was guided by a qualitative approach, which sought a dialogue between the emerging data in the study and the authors that discuss especially soccer, leisure and cheering. To achieve the pursued objectives, I made use of field notes, observations and interviews. 14 fans were selected for the interviews, taking into account the variation of sex, age and "group" (organized fans, symbol fans and common fans). Data collection was performed in 2010 at two different times: first, during the participation of the Esporte Clube Democrata team in the State Championship in 2010, when I accompanied the team and selected the informants for research; later I performed the interviews with the fans. The results of this work have allowed to realize three basic meanings assigned to cheering for Esporte Clube Democrata team: (1) the relationship with the city, motivation that drives fans to associate cheering for the team to cheering for the city and to the feeling of belonging to the city; under this aspect, being a Democrata fan means being a Governador Valadares citizen; (2) the membership to the fan club, expressed by the cheering for the team and by the feeling of belonging to it, in a relationship of giving, generosity and passion for the team; and (3) the relationship with the leisure, at which point the fan falls within the "city cheering party", a meaning also related to sociability and fun made possible by the soccer matches held in the city.

Keywords: Meanings of cheering, Esporte Clube Democrata team, Soccer, Leisure.

FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

FIGURA 1 - Torcida Pantera Cor-de-Raça nas metálicas do “Mamudão” em 1994.	36
FIGURA 2 - Pantera Cor-de-Raça em Leopoldina, antes do jogo entre Ribeiro Junqueira x Democrata, 1991.	37
FIGURA 3 - Pose dos integrantes da Cor-de-Raça na viagem à Leopoldina, 1991.	37
FIGURA 4 - Desfile da Pantera Cor-de-Raça pelas ruas da cidade, chamando a torcida a campo. Eram comuns neste ano, 1991.	38
FIGURA 5 - Time vice-campeão de 1991. Em pé: Silvio, Valmir, Baiano, Toninho, Parreira, Borges, Luiz Carlos (Prep. Físico). Sentados: Dica (massagista), Edinho, Alexandre, César, Gilmar e Marcelo Alves.	39
FIGURA 6 - Homenagem da Câmara de Vereadores de Governador Valadares aos Campeões Mineiros de 2003.	49
FIGURA 7 - Jogadores da Panterinha desfilam no carro dos Bombeiros, em 2003, na chegada de Patos Minas, onde o time conquistou o Campeonato Mineiro de Juniores. ...	50
 TABELA 1 - Outros "times do coração" dos torcedores do Democrata	56
 GRÁFICO 1 - Outros "times do coração" dos torcedores do Democrata.....	56

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2	CENÁRIO DO ESTUDO	15
2.1	Contexto e os sujeitos da investigação.....	18
2.2	Caminhos metodológicos.....	21
2.3	Os torcedores	23
2.4	Composição do trabalho	25
3	O FUTEBOL, A CIDADE E O ESPORTE CLUBE DEMOCRATA.....	28
3.1	Marcos e histórias: o que repercute na tradição do time	33
3.2	Valadarenses e democratenses: amálgama de sentimentos.....	40
3.3	Os significados do torcer pelo time	42
4	O PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO.....	51
5	O LAZER, A DIVERSÃO E A FESTA DA TORCIDA VALADARENSE	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	77
	 Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	 81
	Anexo B - Roteiro da entrevista semi-estrutura.....	82
	Anexo C – Análises desenvolvidas para a elaboração dos gráficos.....	83

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O futebol e o torcer sempre estiveram presentes em minha vida desde a infância em Governador Valadares / MG. Participei de escolinhas de futebol e fui atleta do Esporte Clube Democrata por sete anos. Durante minha trajetória estudantil, estive envolvido em atividades esportivas e de lazer, o que me levou a cursar a graduação em Educação Física, concomitantemente à vida de jogador.

Durante a graduação, participei de diferentes grupos de estudos sobre as temáticas de lazer e ampliei o olhar investigativo sobre esse tema. Os estágios também tiveram importância significativa em minha formação, a exemplo do estágio no Sesi¹, no Departamento de Lazer. Igualmente importantes foram as experiências em outros segmentos, como a organização de acampamentos e as atividades recreativas em hotéis e empresas.

O conjunto de conhecimentos reunido nesse processo de formação, tanto na graduação quanto nos estágios, foram fundamentais para que eu ampliasse os conhecimentos sobre a Educação Física e, em meio a discussões, debates e experiências, conhecesse novas perspectivas para o esporte e o lazer.

A partir do envolvimento com ocupações acadêmicas e diversas atividades no próprio curso, fui me distanciando dos treinamentos no Esporte Clube Democrata. Parei de “praticar” o futebol como jogador e passei a “praticá-lo como torcedor”² e estudioso, no intuito de compreender melhor o “fenômeno futebol” a partir de uma perspectiva investigativa.

Todos esses caminhos me levaram a investir na docência da Educação Física em escolas de Educação Básica e também no Ensino Superior.

1 Serviço Social da Indústria (SESI), em Governador Valadares / MG, onde estagiei por três anos, como professor de natação para portadores de necessidades especiais nos projetos “Esporte Solidário” e “Segundo Tempo”. Atuei também na ginástica laboral e na realização de ruas de lazer, colônias de férias e outras atividades.

2 A expressão “praticar o futebol como torcedor” é utilizada por Faria (2008), para se referir aos indivíduos que não pertencem ao conjunto dos jogadores, mas estão inseridos no universo futebolístico. O objeto de seu estudo foram as práticas de aprendizagem do futebol por jovens num bairro em Belo Horizonte. Este trabalho aborda a aprendizagem como um aspecto inerente a toda prática social e argumenta que ela se difunde nos diferentes modos de participação e envolve mais do que técnicas, táticas e regras. A incorporação do jogo e da aprendizagem se dá num contexto de relações sociais complexas, de diferentes formas de participação, relações de poder, etc., não se tratando de um processo de assimilação passivo.

Atuando como professor de futebol no Ensino Superior, pude me aproximar de questões que me despertaram o interesse por conhecer mais sobre esse esporte, que se apresenta como um palco privilegiado para vivências culturais. Aspirando por novos desafios no “campo do futebol”, foi quando elaborei um projeto para ingressar no Mestrado em Lazer.

Pela multiplicidade de elementos que essa temática exigia e possibilitava, procurei estruturar um projeto de pesquisa que pudesse apresentar novos olhares acerca desse esporte. Para isso, articulei elementos que permitissem uma abordagem sobre questões que se colocam para além do estádio. Nessa esteira de trabalho, a paixão e o ato de torcer por um time de futebol são vistas sob múltiplos aspectos socioculturais.

Difícil tarefa organizar um trabalho que preenchesse os pré-requisitos de uma pesquisa *stricto sensu* e ao mesmo tempo se articulasse com a paixão pelo objeto pesquisado. Por algum tempo, pensei ser essa uma tarefa arriscada e improvável. Contudo conhecer e participar do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Universidade Federal de Minas Gerais ampliou meu olhar quanto a essa imprecisão. Pude apreciar e aprofundar em questões essenciais no universo teórico de investigações científicas acerca do futebol sob a perspectiva das ciências humanas e sociais. Para, além disso, característica marcante nesse grupo é o que se projeta para fora da estrutura “fechada” de uma investigação, pois opera com o que não é mensurável pelo olhar de uma ciência rígida pautada pelo empirismo pragmático e resistente a uma aproximação ao cotidiano na sociedade frente às práticas culturais. Antes de tudo o grupo compartilha a paixão pelo futebol.

2 CENÁRIO DO ESTUDO

O torcer como uma manifestação marcante na cultura do brasileiro encontra vários estudos centrados principalmente no eixo Rio – São Paulo. Usualmente, esses estudos empreendem investigações sobre times e torcidas, abordando a rivalidade entre os grandes clubes das capitais e seus numerosos torcedores. Essa gama de pesquisas foi observada nos trabalhos desenvolvidos pelo GEFuT, em um levantamento bibliográfico de teses, dissertações, periódicos, anais e livros que tratam do conhecimento relativo ao futebol nas ciências humanas e sociais, durante o período de 1980 a 2007³.

Quanto aos trabalhos que abordam o futebol e o torcer em Minas Gerais, destaco as dissertações de Couto (2003), Ribeiro (2007), Neto (2010), Campos (2010) e Nicácio (2010).

Couto (2003) trata de questões referentes à integração social e às identidades coletivas no futebol em Belo Horizonte, no período de 1827 a 1927. Esse trabalho tem como principal objeto as relações identitárias construídas em torno do *América*, do *Atlético* e do *Palestra Itália*⁴, os quais se tornaram os principais clubes de futebol da capital mineira na atualidade. A partir de fontes impressas, de memórias, da história do esporte na capital mineira, de relatos de antigos moradores e de periódicos da época, tal pesquisa tem o mérito de examinar um território quase inexplorado do esporte na cidade de Belo Horizonte e revelar algumas particularidades do futebol belo-horizontino em relação a outras cidades do país.

Ribeiro (2007) enfoca a história do futebol em Belo Horizonte, entre 1904 e 1921, momento da introdução e da consolidação do esporte na cidade, no intuito de inaugurar o debate acerca do esporte na capital mineira dentro dos estudos mais amplos sobre o tema. As conexões entre o desenvolvimento do meio atlético local e as experiências de outros centros, particularmente através da circulação de informações, também são

3 Este trabalho foi realizado em parceria com o Ministério do Esporte, representado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL), em que foi feito um levantamento da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Ao todo, nesse levantamento, foram catalogados 626 trabalhos, sendo que 258 são teses e dissertações, o que equivale a 41,21% do total, 235 são livros (37,54%) e 133 são artigos (21,25%). Para maiores informações e para baixar o arquivo digital com o trabalho completo, acesse: www.gefut.wordpress.com ou leia Silva et al. (2009).

4 O autor se refere ao América Futebol Clube, ao Clube Atlético Mineiro e ao Palestra Itália, que se transformou no Cruzeiro Esporte Clube, todos da cidade de Belo Horizonte. Vou me referir ao Cruzeiro Esporte Clube como “Cruzeiro” e o Clube Atlético Mineiro como “Atlético” no decorrer do texto.

examinadas neste estudo, assim como as relações entre as especificidades da capital mineira e a trajetória do futebol em seus primeiros anos.

Neto (2010) investiga os movimentos que permitiram a formação das torcidas de futebol na cidade de Belo Horizonte e examina como estas se constituíram em prática de divertimento. O estudo compreendeu o período entre os anos de 1904 a 1930, que envolve desde as primeiras manifestações da prática do futebol na cidade até a sua consolidação. O autor aborda os primeiros anos do futebol na capital mineira, caracterizados pela assistência principalmente de pessoas ligadas à aristocracia, até sua consolidação nas rivalidades instituídas, a construção dos estádios e o incremento do espetáculo esportivo. A tentativa de controle sobre o torcer e a apropriação dessa prática na dinâmica social, que enxergam a paixão e o pertencimento clubístico como forma de obter lucro, também foram questões abordadas no trabalho.

Campos (2010) buscou conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras do time Cruzeiro Esporte Clube presentes no estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte, e a relação estabelecida por elas com o clube e com o estádio. Neste trabalho, foram aplicados 443 questionários a torcedoras do Cruzeiro. A autora percebeu que um elevado número de mulheres adota a ida ao estádio como uma opção de lazer. O trabalho também aponta que essas mulheres variam em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionarem com o time. Campos, em um resultado revelador, mostra que, ao adotarem como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unânime do que é ser uma torcedora, postura que dificulta a apropriação e a inserção legítima da mulher nesse espaço social e acaba por desconsiderar que existem várias formas de torcer e de se manifestar.

Em relação às aulas de Educação Física nas escolas de Educação Básica, Nicácio (2010) investigou as percepções dos professores da disciplina sobre a atitude de torcer, como tema das aulas de escolas públicas na cidade de Belo Horizonte. Mais especificamente, o trabalho procurou elucidar se, na compreensão dos professores, “o torcer” é tratado nas aulas, se os professores entendem que este é um tema importante para a escola e como ele é trabalhado. Para a pesquisa, foram elencados professores de educação física de 66 escolas distribuídas nas três redes públicas, sendo oito municipais, 55 estaduais e três federais. Entre os resultados, Nicácio aponta que, embora muitos professores considerem o tema importante para as aulas, a maioria deles não destina um

espaço em suas aulas para trabalhar o assunto. Quando o tema é tratado, utilizam-se vídeos, textos, jogos e situações do dia a dia da escola, que são problematizados e convertidos em debates nas aulas.

Até aqui, mencionei estudos que tratam do torcer em Minas Gerais. Como este trabalho enfoca o torcer no interior do estado, busquei também pesquisas que se desenvolveram em cidades do interior e também trabalhos que tratam da relação do torcedor com seu clube.

Sobre estudos que se relacionam ao futebol em cidades do interior, ressalto o trabalho de Rigo (2001), realizado na cidade de Pelotas / RS. A partir de fontes orais, escritas e imagéticas, o trabalho destaca algumas singularidades do futebol da região, como os vínculos com o futebol uruguaio e o argentino, a profissionalização, a inclusão e a exclusão dos negros, bem como a multiplicação dos times não famosos.

Os trabalhos que tratam da relação do torcedor com seu clube serão discutidos no decorrer deste texto. Entre eles, destaco Damo (1998), Silva (2003), Rigo (2007) e Rigo *et al.* (2010).

Todos os estudos citados envolvem investigações no âmbito do futebol e do torcer. A maioria dos trabalhos foi realizada no estado de Minas Gerais, em cidade do interior e enfocam a relação do torcedor com seu time do coração. Tal abordagem contribui significativamente para a presente pesquisa, embora nenhum dos trabalhos revistos tenha tratado do tema específico desta dissertação: a compreensão dos significados do torcer por um time do interior do Estado de Minas Gerais, no caso específico, o Esporte Clube Democrata. É importante ressaltar que esta investigação pode colaborar para uma melhor compreensão da relação torcedor-clube e dos significados que essa manifestação envolve, bem como contribuir com os estudos que versam sobre o lazer e a multiplicidade de práticas que com ele se relacionam.

Para além da elucidação dos problemas aqui propostos, essa investigação abre espaço para um tema de pesquisa muitas vezes posto à margem das discussões acadêmicas, dando ao torcer e especialmente a esse torcer no interior, um papel que se encontra muitas vezes negligenciado nas pesquisas científicas.

Diferentemente de estudos que abordam grandes clubes e grandes torcidas, este trabalho privilegia um grupo de torcedores composto por “sujeitos desconhecidos”, se comparados às grandes torcidas no Brasil. Postas de lado as proporções, os torcedores

do Esporte Clube Democrata se mostram tanto quanto apaixonados por futebol e pelo seu time do coração, dando mostrar de que um time “pequeno” do interior de Minas Gerais não deixa de ser “grande” em sua capacidade de suscitar emoções e excitações⁵.

Em vista dessas considerações, buscar os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares / MG foi o que permitiu a concepção temática do presente estudo. Em seu cerne, encontra-se o seguinte problema de pesquisa:

Como se configuram as relações e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata?

Os objetivos que compuseram o trajeto da investigação foram:

- a) analisar por que os torcedores se tornaram democratenses;
- b) analisar como os torcedores exercem o torcer; e
- c) compreender os significados que os torcedores atribuem ao “ser democratense”.

2.1 Contexto e os sujeitos da investigação

A escolha pela cidade de Governador Valadares e pelo Esporte Clube Democrata como objetos de estudo se deu por dois motivos: o primeiro, mais pessoal, diz respeito à minha própria história e à história do clube de futebol com o qual me identifico desde criança. O segundo, pelo fato de investigações sobre clubes de futebol do interior ainda serem escassas e, portanto, representarem um terreno fértil para a pesquisa.

Como acompanho o Democrata desde a minha infância, não foi difícil buscar informações que pudessem auxiliar na pesquisa. Os primeiros passos do estudo foram dados ainda no mês de dezembro de 2009, a partir de conversas informais com pessoas ligadas ao time (diretoria, jornalistas, torcedores). Outros ambientes para uma

⁵ Damo (1998, 2007) se refere ao ranking das torcidas dos “grandes” clubes, utilizando principalmente fontes das revistas *Placar* e do jornal *Folha de São Paulo*, apontando que, com exceção do Bahia, fundado em 1931, e do São Paulo, em 1935, todos surgiram antes dos anos 30, o que não implica uma relação entre ser antigo e ter destaque nos rankings. O autor ainda destaca que um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa; entretanto, são “grandes”, porque fascinam multidões e acumulam títulos. “Grande” para o torcedor representa uma noção simbólica: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, tradições e excitações (DAMO, 1998, 2007). Para o ranking proposto pelo autor, ver Damo (2007, p. 59).

investigação inicial foram os locais em que alguns torcedores se reuniam para comentar e perspectivar sobre a temporada 2010 do Democrata: bares e lanchonetes próximos ao estádio José Mamud Abas⁶ e um clube social, onde acontecem muitas “peladas” de ex-jogadores do time e também muitos torcedores se reúnem para ver os jogos do Democrata pela televisão.

Busquei, nessas primeiras aproximações, desconstruir o olhar de torcedor, para, sob a perspectiva de pesquisador, perceber os elementos relevantes para a organização das informações pertinentes à pesquisa. A partir desses primeiros olhares, percebi a necessidade de registrar todo o processo desenvolvido nas observações, desde o contato com os torcedores até a realização das entrevistas com alguns deles. Neste ponto, novas questões surgiram: Quais torcedores entrevistar? Que critérios levar em conta na seleção desses torcedores? Como chegar até eles?

Para uma melhor organização na seleção dos informantes, foram pensados três grupos de torcedores:

- a) torcedores organizados;
- b) torcedores-símbolo; e
- c) torcedores comuns.

Entende-se, neste estudo, por “torcedores organizados” aqueles que participam de grupamentos de torcedores que se organizam em formas coletivizadas para torcer pelo seu time de preferência, e assim, participam de grupamentos oficializados. Os “torcedores-símbolo” são aqueles reconhecidos como pessoas que se envolveram com o time de forma a se distinguirem. Nesse sentido, na negociação simbólica da produção de significados, os torcedores-símbolo são pessoas que detêm um “capital” de distinção, que é identificado e socializado pelo grupo. Por fim, os “torcedores comuns” são aqueles que se relacionam com o time sem necessariamente pertencerem a alguma torcida organizada e sem possuírem o status de torcedores-símbolo. Estes últimos acompanham os jogos de seu clube, pela paixão ao esporte e ao time. São o que comumente chamamos de admiradores do futebol.

Tal organização parte de apontamentos já expostos por Reis (1998), em que as pessoas que acompanham o espetáculo esportivo e, no caso em questão, os jogos de

⁶ Campo de futebol do Democrata, carinhosamente chamado pelos torcedores de “Mamudão”.

futebol, podem ser espectadores ou torcedores. Nessa abordagem, os espectadores são aqueles que assistem ao espetáculo esportivo, mantendo-se em uma condição de apreciadores do esporte; os torcedores, além de serem espectadores, torcem por algum time, expressando essa preferência e conexão com o time durante as partidas. Reis propõe ainda que, dentro da classificação dos torcedores, distingam-se os torcedores uniformizados dos torcedores organizados. Os uniformizados usam a camisa do seu time e demonstram essa prioridade e fidelização, enquanto os torcedores organizados fazem parte de uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual torcem.

O termo “torcedor-símbolo” vem de períodos em que os times eram associados ao nome das pessoas que compunham as tradicionais *charangas*⁷ que acompanhavam seus clubes com as baterias e ritmos estonteantes. Toledo (1996) afirma que, nos anos de 1940, os torcedores-símbolo representavam toda a torcida do time e tinham o prestígio da imprensa. O autor cita o exemplo do Flamengo em 1942, em que um funcionário federal do Rio de Janeiro fundou a charanga que animava os jogos do time. Nesse tempo, o torcedor foi um dos primeiros a equipar os simpatizantes com uniformes e música. “A prática se tornou tão eficaz que o próprio clube passou a financiar e a custear as despesas da charanga” (TOLEDO, 1996, p.21).

A partir das delimitações expostas, os sujeitos da presente pesquisa foram escolhidos, tendo-se em conta a variação entre idade, sexo e “grupo” de torcedores: torcedores organizados; torcedores-símbolo e torcedores comuns.

A seguir, relato os caminhos metodológicos da pesquisa e a estruturação dos procedimentos utilizados.

7 O termo *charanga* é muito comum para nomear as pequenas bandas que frequentam estádios e acompanham os jogos de seus times. Costuma-se chamar de bateria somente o conjunto de instrumentos percussivos, nomeação oriunda da linguagem do samba (TOLEDO, 1996).

2.2 Caminhos metodológicos

Para alcançar os objetivos perseguidos nesta investigação, adotei métodos de pesquisa de caráter qualitativo. A meta principal do trabalho não foi produzir um conjunto de resultados unificados, mas, ao contrário, apresentar descrições e análises coerentes, baseadas na proposta de pesquisa, respondendo à problemática levantada, trazendo novos elementos e informações.

Para a compreensão do objeto estudado sob tal enfoque, é preciso então expandir as interpretações e reflexões para além da organização e da sistematização de dados. Como aponta Minayo & Sanches (1993), é no campo da subjetividade, do simbolismo e da compreensão da complexidade interna dos fenômenos específicos e delimitáveis que a abordagem qualitativa se afirma. Essa abordagem possibilita, portanto, a ênfase em processos de significação, privilegiando a compreensão de fenômenos sob as perspectivas dos sujeitos: o que os sujeitos manifestam, o que contam, o que vivenciam. O pesquisador, no trabalho qualitativo, utiliza ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, almejando compreender melhor o alvo da investigação.

Minayo (1998) salienta que a pesquisa qualitativa corresponde a um espaço mais profundo das relações, um universo de significados, aspirações, motivos, crenças, valores, atitudes e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa dessa natureza caracteriza-se pelo seu sentido construtivo-interativo, dialógico, e pela sua atenção ao estudo de casos singulares, como no estudo em questão que trata dos significados do torcer por um clube de futebol específico.

Para compreender como se constroem os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata, lancei mão dos seguintes instrumentos:

- a) as anotações de campo, como registro das observações; e
- b) as entrevistas semiestruturadas.

As anotações de campo, como argumenta Triviños (1987), podem ser entendidas como o registro do processo de coleta de informações, as descrições e os comentários acerca do processo de estudo. Trata-se do registro de observações e reflexões realizadas sobre as expressões dos sujeitos. Esse instrumento é também de grande valia para registros premunidos do pesquisador.

A entrevista semiestruturada, por manter a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permitir a relevância na situação do ator, favorece a descrição, a explicação e a compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade, tanto dentro de uma situação específica como de situações de dimensões maiores (TRIVIÑOS, 1987).

Flick (2004) afirma que as anotações de campo são utilizadas para registrar todo o processo de aproximação a um campo e as experiências e problemas encontrados no contato com o próprio campo ou com os sujeitos da pesquisa. Strauss & Corbin (1990, *apud* FLICK, 2004), enfatizam que essas anotações são essenciais em toda a pesquisa, pois elas orientam o pesquisador desde as primeiras questões e também o ajudam a analisar o que permanece e o que se altera ao longo do trabalho, bem como cada passo na relação entre teoria e campo empírico. Ainda, elas auxiliam no registro dos encontros formais e informais, permitindo uma posterior análise crítica. As anotações de campo servem, assim, como uma orientação constante do olhar sobre objeto de estudo.

No tocante às etapas específicas deste trabalho, a coleta de dados foi realizada em dois momentos. O primeiro deles durante a participação do Democrata no Campeonato Mineiro de Futebol de 2010⁸, período que compreendeu desde a pré-temporada do clube em dezembro de 2009, até maio de 2010, quando o time encerrou sua participação. Nesse período, acompanhei o time, observando e analisando o cotidiano da cidade e os modos como se estabeleciam as relações dos torcedores com o time. Foram consideradas as notícias dos principais jornais e noticiários e também os acontecimentos e os comentários nos bares ao redor do estádio, a partir de conversas com torcedores. Neste momento, procedi à seleção dos sujeitos para as entrevistas, registrando todo o processo. Algumas entrevistas foram realizadas nesse período.

O segundo momento compreendeu os meses de julho a novembro de 2010, quando o Democrata já não disputava mais o campeonato. Novos sujeitos foram selecionados para o estudo e novas entrevistas foram realizadas. Esta seleção aconteceu a partir da aproximação com o campo de pesquisa, do contato com os torcedores e de conversas sobre o trabalho. Muitas vezes, os próprios torcedores entrevistados já indicavam outras pessoas que poderiam participar do estudo.

⁸ Campeonato regional de futebol do Estado de Minas Gerais. No ano de 2010, os jogos ocorreram entre os meses de fevereiro e maio.

A realização das entrevistas compreendeu o período dos jogos e um tempo após o encerramento do campeonato. Elas foram encerradas no momento em que obtive elementos suficientes e variados para responder à problemática central.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 14 torcedores, selecionados a partir de uma variação de sexo, idade e “grupo” (torcedores organizados, torcedores-símbolo e torcedores comuns): Dona Clara (84)⁹ e Roberto (46) compõem os torcedores-símbolo da pesquisa; Magrão (36), Matias (43) e Matheus (25) são os líderes das três torcidas organizadas do time – Pantera Cor-de-Raça, Jovem Garra e Demorkut, respectivamente; Maria (22) e Marta (23) são duas mulheres pertencentes à torcida organizada Pantera Cor-de-Raça; Alex (29), Arlei (33), Arthur (43), Abel (62), Abraão (18), Letícia (25) e Lúcia (16) formam o grupo dos torcedores comuns entrevistados.

De maneira concomitante à realização das entrevistas, as anotações de campo continuaram a ser feitas nesse período. Isso se deu pela necessidade de registrar informações relevantes que surgiam nas conversas com os torcedores durante o processo de aproximação para a realização das entrevistas, tanto antes (por telefone, em encontros para esclarecimentos sobre a pesquisa e agendamentos) e principalmente após as entrevistas, quando os sujeitos se mostravam mais à vontade para falar sobre o tema. Portanto busquei registrar todas as informações que julgava relevantes para a investigação durante as entrevistas no segundo momento da pesquisa.

2.3 Os torcedores

Dona Clara tem 84 anos e é viúva. Mora atrás do campo do Democrata, o “Mamudão”. Acompanha os treinamentos e jogos do time durante toda a temporada. Diz já ter ido muito ao estádio, mas hoje assiste aos jogos da sacada de seu apartamento com os três rádios ligados espalhados pelos cômodos. É torcedora-símbolo do time, mora na cidade há aproximadamente 70 anos e tem um filho ex-jogador de futebol que atuou também no Democrata.

Roberto é jornalista, professor universitário e produtor cultural. Tem 46 anos, é casado, torcedor-símbolo do Democrata. Conhece o time desde criança, a princípio pelo Clube Atlético Pastoril, time de fábrica que rivalizava com o Democrata na década de 1960. Seu pai era atleta do referido clube. Roberto é um dos fundadores da torcida

⁹ Os números entre parênteses correspondem à idade real dos torcedores entrevistados. Foram criados nomes fictícios, buscando resguardar a participação dos sujeitos na pesquisa.

organizada Pantera Cor-de-Raça e recentemente lançou um livro contando a história do surgimento da torcida. Declara abertamente o amor que sente pelo time e pela cidade de Governador Valadares.

Magrão é solteiro e tem 36 anos. É líder da tradicional torcida organizada do Democrata Pantera Cor-de-Raça. Vai ao estádio desde criança. Um tio foi o responsável por conduzi-lo a esse “hábito”. Declara-se um apaixonado pelo time e pela cidade. Também é torcedor do Atlético.

Matias tem 43 anos e torce pelo time desde criança. Afirmar que aprendeu a ser democratense. Lembra da época de criança, quando não pagava para entrar no estádio e então sempre arrumava um “tio” ou um “pai” na porta do campo para poder entrar com ele. Também é torcedor do Cruzeiro. Fez parte da torcida organizada Pantera Cor-de-Raça durante vários anos e fundou, em 2009, a torcida organizada Jovem Garra.

Mateus é estudante, solteiro, trabalha como moto-táxi, tem 25 anos. Fundou a torcida organizada “Demorkut” juntamente com um amigo. Acompanha o time desde criança. Conta que vendia materiais para ferros-velhos como forma de conseguir dinheiro para ir aos jogos. Também é torcedor do Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro.

Maria tem 21 anos, é solteira e torcedora organizada da Pantera Cor-de-Raça. Sempre viaja com o time para acompanhar os jogos. Afirmar conhecer o time há muitos anos, embora tenha começado a acompanhar os jogos mais assiduamente há três anos. Começou a ir ao estádio por influência de uma amiga. Também é torcedora do Cruzeiro.

Marta tem 23 anos e é solteira. Começou a ir ao estádio por influência de alguns amigos. Fez amizade com a torcida e hoje é integrante da torcida organizada Pantera Cor-de-Raça. Acompanha fielmente os jogos do Democrata. Afirmar gostar da festa da torcida nos jogos. Também é torcedora do Atlético.

Alex é solteiro, professor, tem 29 anos. É morador de Governador Valadares desde a infância. Ficou dos 21 aos 26 anos fora do país, mas buscava acompanhar as notícias sobre o Democrata. Frequenta o estádio desde a infância e acompanhou o time em vários campeonatos. Já participou de testes para ser jogador do clube. Também é torcedor do Atlético e acompanha fielmente o time da capital.

Arlei é professor, solteiro, tem 34 anos. Jogou na escolinha do time do Democrata e participou da equipe juvenil quando adolescente. Acompanhou as caravanas do time na

conquista do vice-campeonato mineiro em 1991. Não perde nenhum jogo do Democrata em Governador Valadares e costuma viajar para os jogos fora da cidade. Também é torcedor do Atlético.

Arthur é dentista, casado, tem 43 anos e dois filhos. Mudou-se para a cidade ainda criança e conheceu o time a partir de amigos de seu pai que o levavam aos jogos. Participou de testes para entrar na equipe juvenil do time. Tinha o sonho de ser jogador de futebol e também de jogar pelo Democrata. Esteve nos jogos das finais do Campeonato Mineiro de 1991. Também é torcedor fiel do Cruzeiro.

Abel é comerciante e tem 62 anos. Chegou à cidade ainda criança. Casado, tem três filhos e compartilha também a paixão pelo Cruzeiro. Ainda joga “pelada” no clube com os amigos do futebol. Acompanha o Democrata desde criança no estádio. Conhece vários jogadores que passaram pelo time.

Abraão é estudante, solteiro, tem 18 anos. Não mora mais na cidade, pois cursa faculdade fora. Mesmo assim, perde poucos jogos do time, em função de a temporada começar no fim de janeiro e início de fevereiro, período ainda de férias escolares. Também vai a Governador Valadares quase todo fim de semana em período de jogos. Vai ao estádio com os amigos desde criança. É torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, pois seu pai já foi jogador deste clube.

Letícia é professora, solteira, tem 25 anos. Acompanha o Democrata desde criança. Costuma ir ao estádio com o irmão ou com as amigas. Tem simpatia e uma afinidade pelo Cruzeiro, mas afirma ser torcedora do Democrata. Vai ao estádio desde criança levada pelo pai, que é ex-jogador do clube.

Lúcia é uma jovem estudante de 16 anos e tem uma história recente com o Democrata. Também é torcedora apaixonada do Cruzeiro. Gosta de ir ao estádio e acompanhar o time da cidade. Gosta da festa da torcida e sempre acompanha os jogos do clube.

2.4 Composição do trabalho

A partir dos registros das anotações de campo, bem como das análises empreendidas nas entrevistas realizadas, busquei elaborar um trabalho que dialogasse com outras referências e estudos, no intuito de apresentar respostas à problemática central.

As referências necessárias para a sustentação teórica deste estudo envolveram teses, dissertações, livros e artigos, que discutem o futebol, o torcer e o lazer. Também foram investigados estudos que tratam da história do Esporte Clube Democrata, da cidade de Governador Valadares e das características do futebol no interior de outros Estados no Brasil. Levei em conta ainda trabalhos que se debruçam sobre a produção de significados construídos no âmbito das relações humanas.

Para uma melhor compreensão do trabalho, o texto foi organizado em três eixos de análise marcados por características que se mostraram recorrentes nas entrevistas e percepções. São eles: (1) a relação com a cidade; (2) o pertencimento clubístico; e (3) a relação com o lazer.

No primeiro momento do texto, são abordados aspectos do futebol na sociedade brasileira, bem como as características desse esporte na cidade de Governador Valadares. Discute-se o futebol nos primeiros anos da história da cidade. São explorados alguns elementos da história do Esporte Clube Democrata: rivalidades, derrotas, conquistas e marcos que perduram na tradição do clube. Ainda nesse primeiro momento, são explorados os significados construídos, partilhados e negociados pelos torcedores do Democrata. Apresento as características do pertencimento à cidade que os torcedores manifestam e o modo como eles associam o torcer pelo Democrata ao torcer pela cidade. Torcer pelo Democrata implica torcer pelas coisas que existem na cidade, numa relação amalgamada, em que se expressam os desejos pelo crescimento e pelo avanço tanto do time quanto da cidade, perante outras cidades, times e histórias.

No segundo momento, a pesquisa explorou a relação do torcedor com o clube, a partir do pertencimento clubístico¹⁰. Um torcer que apresenta características específicas dessa região. Neste ponto, o trabalho desloca o olhar dos “grandes centros” e dos “grandes times”, percebendo como isso acontece numa dinâmica, pelo menos espacial, de menor porte. A presente abordagem põe em cena os contrastes de aproximação e afastamento, quando se comparam o torcer e o pertencimento clubístico investigados em neste estudo com manifestações de outras cidades e outros times. São realçadas as afinidades, alegrias e a emoção de torcer pelo time expressa pela paixão e gratuidade de sentimento muitas vezes sem explicação.

¹⁰ A expressão “pertencimento clubístico” será explicada e desenvolvida no decorrer do trabalho.

Por fim, o terceiro momento discute a relação com o lazer - a “festa da torcida valadarense” dentro de um cotidiano possibilitado pelo sentimento do torcer pelo time da cidade que evoca o encontro, a sociabilidade e a diversão. O jogo de futebol na cidade torna-se um evento aguardado; mobiliza as pessoas e torna-se um “espaço” que possibilita momentos de divertimento e desdobramentos para além do futebol em si, percebendo como os significados do torcer pelo Democrata também se relacionam às emoções vividas nos momentos de lazer dos torcedores.

O trabalho conta ainda com as considerações em que se busca sintetizar os resultados alcançados pela pesquisa, bem como propondo reflexões a propósito da pergunta a que se propôs responder, compreendendo como esses três elementos: (1) relação de pertencimento à cidade, (2) pertencimento clubístico e (3) a relação com o lazer, se fundem e configuram os significados do torcer pelo Democrata.

A relevância do estudo habita em tomar como objeto um tema pouco explorado pelas investigações acadêmico-científicas. Para além de conceber um trabalho original, ao menos no que se refere ao Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares-MG, o mesmo poderá constituir-se como uma importante fonte de consulta e auxiliar na elaboração de políticas públicas que dizem respeito aos torcedores; também poderá contribuir em novas investigações que busquem ampliar o olhar sobre o futebol e o torcer. Especialmente por ter privilegiado a compreensão de como se dá o torcer dos indivíduos em um clube do interior, visto que, tais percepções se deram em um universo específico que apresenta características particulares.

3 O FUTEBOL, A CIDADE¹¹ E O ESPORTE CLUBE DEMOCRATA

O futebol não seria a paixão do povo, se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa. Quem torce no futebol está inevitavelmente ligado ao seu time, para a felicidade ou para a desgraça, para o bem ou para o mal. No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador o representa, representa seu clube, a sua cidade, o seu estado, a sua pátria.

Mário Filho¹²

O futebol no Brasil é algo que, no mínimo, chama a atenção. Nele se envolvem milhões de indivíduos ligados à produção do espetáculo futebolístico. Esse envolvimento só é possível, porque “cotidianamente ele compõe a vida de milhões de pessoas dentro de um sistema complexo de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desligados de outros aspectos socioculturais” (GUEDES, 1982, p. 61). Poucos fenômenos sociais possuem tanta abrangência na sociedade quanto o esporte. É notável a sua capacidade de congrega pessoas em torno de si. Especificamente na sociedade brasileira contemporânea, o futebol ocupa um lugar de destaque.

O futebol possui uma representatividade única para o povo brasileiro, seja praticando, torcendo, participando da organização ou em meras discussões cotidianas engendradas a partir de rivalidades. Poderíamos mesmo conjecturar que grande parcela da sociedade brasileira, se não toda ela, já vivenciou de alguma maneira o futebol. O calibre financeiro envolvido, o número de espectadores e o espaço midiático ocupado por este esporte são provas disso. Também destacam-se os vínculos mais profundos daqueles que se aproximam mais do esporte, a partir do sentimento de pertença a um clube ou uma torcida. Nesse sentido, constituindo-se como uma prática social¹³, o futebol se apresenta como um espaço privilegiado de representação do próprio povo brasileiro. Sob esse aspecto, revela-se como parte da cultura, um lugar de participação na

¹¹ Vou me referir à cidade de Governador Valadares apenas como “Valadares” e ao Esporte Clube Democrata como “Democrata” no decorrer do trabalho.

¹² FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**.

¹³ Prática social entendida aqui como “unidade entre a teoria e a prática”. É o mundo material social elaborado e organizado pelo ser humano no desenvolvimento de sua existência como ser racional. “Esse mundo material e social, ou conjunto de fenômenos e matérias sociais, está em constante movimento, organizando-se e reorganizando-se perpetuamente. Processo de mudanças fundamentais ou não, que se realiza através dos seres humanos, das classes sociais, dos grupos e dos indivíduos” (TRIVIÑOS, 2006, p. 122).

sociedade. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

Visto por esse prisma, o futebol se apresenta como um campo promissor para a investigação social. Como argumenta Gil (2007), sua presença na vida cotidiana constitui uma importante via de acesso à constituição de noções básicas de temporalidade e espacialidade, além de permitir que se visualizem esquemas e práticas normativas e valorativas estruturantes da vida social. Dentro desse universo, destacam-se diversos atores: jogadores, dirigentes, torcedores, torcedores organizados, dentre outros.

Na variedade de grupos que fazem parte da complexa dinâmica que compõe o futebol, empreende-se uma reflexão sobre os torcedores nesse contexto, partindo do caso específico dos torcedores do Democrata. Nessa empreitada, falar sobre a paixão e a relação dos torcedores com o time pressupõe também contar a história da própria cidade de Governador Valadares. Para a contextualização da pesquisa, apresentarei, em linhas gerais, o município de Governador Valadares, sua história e especialmente sua relação com o futebol e o “time da cidade”.

Governador Valadares, com aproximadamente 280.000 habitantes, possui uma infraestrutura urbana razoavelmente moderna e é o centro polarizador de uma microrregião composta por vários municípios. Segundo a regionalização vigente, a região do Rio Doce é composta ainda pelas regiões de Aimorés, Caratinga, Guanhães, Ipatinga, Mantena e Peçanha. Marcada por diversos ciclos ao longo de sua história, ainda são presentes na região as atividades que envolvem o agronegócio e a comercialização de pedras preciosas.

A cidade surgiu com a subida do Rio Doce pelos bandeirantes e comerciantes canoeiros que vinham do Espírito Santo, no início do século XIX. Dois pontos geográficos já marcavam a região bem antes disso: o Rio Doce e o Pico da Ibituruna. Esses dois elementos já influenciaram, na segunda metade do século XVI, a criação do Distrito de Santo Antônio da Figueira. Reconhecida tanto pelo acesso ao litoral por meio do Rio Doce, quanto pela referência de localização representada pela “pedra negra” (Ibituruna), essa região passou a ser um local de convergência e difusão comercial, como aponta Almeida (2002).

Mais recentemente em sua história, a cidade se tornou um polo para o esporte (principalmente o voo livre) e também para o turismo. O futebol já chamava a atenção desde a época em que a cidade se chamava Figueira do Rio Doce, tendo sido “batizada” de Governador Valadares na década de 1930¹⁴.

Figueira do Rio Doce pertencia ao município de Peçanha. Era um lugarejo caracterizado por muita mata e burros que se deslocavam pela zona rural com os moradores da região. No dia 15 de agosto de 1910, o lugarejo ganhou uma estação da Estrada de Ferro Vitória / ES a Minas, que vinha desde a capital capixaba a caminho da cidade de Diamantina / MG. Posteriormente, a “serpente de ferro” mudou seu trajeto para a cidade de Itabira / MG, o que não impediu uma contribuição significativa para que Figueira do Rio Doce se transformasse em um importante ponto comercial, capaz de justificar a implantação de uma Coletoria Federal de Impostos, o que teve um papel importante para o desenvolvimento do futebol na cidade (TIM FILHO, 2010).

Introduzido no Brasil por imigrantes europeus e jovens que traziam da Europa as novidades do admirável esporte, os primeiros anos do futebol no país receberam a marca de um jogo da elite, um “fidalgo esporte” (PEREIRA, 2000, p. 16). O próprio Charles Miller, “pai do futebol brasileiro” ¹⁵, era também de origem nobre e, durante boa parte de sua vida, morou e foi educado na Inglaterra. À medida que se difundia pelo Brasil, não demorou muito para que a competitividade do futebol aumentasse e o esporte alcançasse as classes populares. E daqui para frente, a história do futebol segue como em boa parte das cidades de nosso país, ou seja, marcada por alguém que organiza e ajuda na difusão do esporte na cidade e também por rivalidades que vão surgindo na medida em que histórias são construídas e tradições criadas.

Em Figueira do Rio Doce, não foi diferente. Com a chegada da Coletoria de Impostos, chega também o coletor de impostos Manso de Andrade, em 1920. Ele foi “o

¹⁴ A cidade ganhou esse nome por causa de Benedicto Valladares Ribeiro, nomeado interventor do estado de Minas Gerais em 1933 por Getúlio Vargas; Valladares era o único interventor chamado por Getúlio de “governador” (TIM FILHO, 2010, p. 61).

¹⁵ A principal referência da chegada do futebol ao Brasil é atribuída a Charles Miller, que desembarcou em São Paulo em 1894, trazendo um livro de regras, camisas das escolas em que jogava, chuteiras, duas bolas e bomba para enchê-las. Sobre tudo autores como Melo (2000) e Santos Neto (2002) apresentam dados que comprovam a existência do futebol no Brasil antes da chegada de Miller, nas escolas religiosas, por exemplo. O pioneirismo de Miller, no que diz respeito à paternidade do futebol brasileiro, consiste no fato de ter sido ele o iniciador da prática do futebol dentro de um clube, incentivando outros a praticá-lo também (SANTOS NETO, 2002).

nosso Charles Miller”. Quem conta a história é o jornalista Tim Filho (2010), que buscou, por meio de fontes orais, imagéticas e entrevistas com pessoas que viveram em Figueira nessa época e seus parentes, “desembolar” tanto a história do futebol na cidade quanto principalmente a história da Pantera Cor-de-Raça, primeira torcida organizada do Democrata.

A partir dos relatos e de alguns escritos da época, segundo o jornalista, antes da chegada do coletor de impostos, o futebol era jogado no meio da rua, um bate-bola primitivo, no qual a bola de couro, redondinha, era substituída por bexiga de boi ou bola de borracha, cujo formato estava bem longe de ser semelhante a uma esfera. Com a chegada do coletor Manso de Andrade, as regras “oficiais” foram difundidas e começaram a se organizar jogos no campo que ficava em um terreno confinado próximo à linha férrea.

Relatos de pioneiros de Figueira do Rio Doce dizem que o futebol se espalhou como uma “febre”. A semelhança era com a febre “pela-macaco” que atingia a região na época¹⁶.

A virose acometeu a criançada de tal forma que, nos recreios das escolas, a diversão era correr atrás da bola, ou de qualquer objeto esférico que rolasse pela poeira. Mesmo sem luz elétrica, havia muitos moleques que praticavam o futebol à noite, quando a luz azulada da lua iluminava Figueira. Ao menor descuido dos pais, os infames desapareciam, iam para a rua jogar bola, elevando poeira nas noites claras de luar (TIM FILHO, 2010, p.28).

Nesse período, ainda não existiam times específicos, apenas a divisão entre os que jogavam de vermelho e branco e os que jogavam de preto e branco, no campo onde os boleiros que seguiam Manso de Andrade disputavam as partidas. Isso até surgir o Flamengo Foot-Ball Club, primeiro time de Figueira, pouco antes de 1930, que reuniu os torcedores do time de vermelho e branco e do time de preto e branco numa só torcida. O time jogava contra times de povoados vizinhos.

Em 1931, tanto a cidade quanto o futebol cresciam espetacularmente e, em 1º de janeiro do referido ano, foi inaugurada a primeira agência bancária na cidade, o Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais. E com tanta gente jogando futebol em Figueira e ainda chegando cada vez mais gente, era uma necessidade criar um novo time. Diante disso, o Flamengo Foot-Ball Club se dividiu, dando origem a um novo time, o Ibituruna Foot-Ball Club, formado em sua maioria pelos bancários que chegaram à cidade. Tim

¹⁶ A febre tomou esse nome, porque afetava também os macacos, que perdiam o pelo. Daí o nome “pela-macaco”.

Filho (2010) afirma que a rivalidade foi intensificada e, de maneira incrível, levava muita gente ao campo.

Em meio a jogos e histórias, o futebol ia se consolidando na região. É preciso lembrar que, na época, jogava-se muito mais do que futebol. Os povoados disputavam poder econômico e emancipação. Nesse sentido, os times serviam como canais para “dramatizar” esses conflitos.

A história do Ibituruna Foot-Ball Club não foi longa. Em 1932, após uma trágica derrota por 5 X 0 para o “Palestra de Cachoeirinha”¹⁷, houve uma dissidência como consequência desse jogo, que, segundo relatos, começou dentro do trem na viagem de volta. E em 1932, quando o Ibituruna Foot-Ball Club se dissolveu, alguns jogadores e parentes de jogadores que jogavam no time resolveram fundar o Sport Club Democrata, que tinha as iniciais S.C.D.¹⁸.

A rivalidade era então entre o time mais antigo, o Flamengo Foot-Ball Club e agora o Sport Club Democrata, formado em sua maioria pelos antigos jogadores do Ibituruna Foot-Ball Club. Em 1940, após uma vitória sobre o Democrata, o Flamengo se dissolveu. Foram duas partidas: na primeira, o Democrata venceu por 2X1. Com a derrota, o Flamengo “convocou” três jogadores do Espírito Santo, para reforçar o time e, na segunda partida, venceu por 6X2. Segundo relatos de pessoas que atuaram e observaram na época o ocorrido, os reforços causaram uma insatisfação no grupo, pois a vitória no segundo jogo foi atribuída a eles pelos diretores, já que o Democrata havia vencido a primeira partida TIM FILHO (2010). Assim termina a história do Flamengo Foot-Ball Club e segue a história do Democrata que, desde então até os dias atuais, não estabeleceu nenhuma rivalidade “histórica” com outro time¹⁹.

¹⁷ Cachoeirinha era um povoado no interior de Minas Gerais, onde hoje se localiza a cidade de Tumiritinga. A partir de informações de pessoas que jogaram a partida entre o time de Cachoeirinha e o Ibituruna Foot-Ball Club, registradas no texto de Tim Filho (2010), tem-se que o nome do time de Cachoeirinha era “Palestra Itália” e que o time de Figueira do Rio Doce levou uma goleada por 5 X 0.

¹⁸ A grafia do nome do Democrata continuou assim, com termos ingleses, até o início dos anos de 1940, quando *foot-ball* passou a ser grafado como *football* e posteriormente como *futebol*, e outros termos ingleses foram sendo abasileirados, como *goal-keeper* ou *keeper* passando a *goleiro*, e *midfielders* sendo substituído por meios-campistas. Assim, de Sport Club Democrata passou-se a Esporte Clube Democrata (TIM FILHO, 2010).

¹⁹ Nas décadas de 1940 e 1950, o Democrata rivalizou com o time Pastoril, formado por trabalhadores de uma grande fábrica que se instalou em Valadares. Poucos são os registros escritos dessa história, mas muitas pessoas que viveram na época relatam o fato. Dizem até que, se o Pastoril ainda existisse, o Democrata não seria o primeiro time da cidade. Fotos em alguns estabelecimentos, como bares e

3.1 Marcos e histórias: o que repercute na tradição do time

E chego à conclusão de que a derrota, para a qual nunca estamos preparados, de tanto não a desejarmos nem a admitirmos previamente, é afinal instrumento de renovação da vida. Tanto quanto a vitória estabelece o jogo dialético que constitui o próprio modo de estar no mundo. Se uma sucessão de derrotas é arrasadora, também a sucessão constante de vitórias traz consigo o germe de apodrecimento das vontades, a languidez dos estados pós-voluptuosos, que inutiliza o indivíduo e a comunidade atuantes. Perder implica remoção de detrimientos: começar de novo.

Carlos Drummond de Andrade²⁰

Não conheço time de futebol que não tenha em sua história marcos que sobrevivem por décadas. A vitória ou derrota no fim de um campeonato para o time rival. O gol de falta no finalzinho que custou o título. O drible inesquecível. O gol inesquecível. O jogador que marcou época. O time dos sonhos, dentre outros diversos e inúmeros acontecimentos. Por vezes, tendemos a acreditar que as vitórias, e somente elas, são capazes de dar ao time o que é necessário, como grandes títulos e popularidade, e nos esquecemos, como tecido de maneira magistral nas palavras de Carlos Drummond, de que “perder implica remoção de detrimientos: começar de novo”. A derrota é de tamanha importância tal qual a vitória. Podemos não gostar de perder, mas deixar de reconhecer a necessidade da derrota seria, no mínimo, uma omissão.

Para o Democrata, podemos apontar os seguintes marcos: Tetracampeão do interior em 1994; Campeão do Campeonato Mineiro de Juniores em 2003; e dois grandes marcos que foram gerados por derrotas históricas. Um deles, quando o Democrata foi rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Mineiro de Futebol, na década de 1980. O outro, após uma gloriosa campanha no Campeonato Mineiro de 1991 e a derrota na final para o Clube Atlético Mineiro, obtendo o vice- campeonato.

No que se refere ao primeiro marco negativo, após uma desastrosa campanha em 1987, o time foi rebaixado para a 2ª divisão do Campeonato Mineiro. Na estreia em 1988, a imprensa não apareceu e não havia torcedores. A diretoria teve que abrir as portas do estádio para os associados do Recanto da Pantera, clube social do Democrata, para que o time não jogasse no estádio vazio. E, mesmo no estádio vazio, quatro torcedores resolveram mudar a história da torcida democratense, fundando a torcida organizada

sorveterias, também registram essa rivalidade. O time do Pastoril se dissolveu também logo que a fábrica faliu, entre as décadas de 1950 e 1960.

²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol.**

Pantera Cor-de-Raça, que sonhava com um time competindo na primeira divisão em 1989.

A campanha em 1989 foi positiva e o Democrata conquistou o direito de voltar à primeira divisão, beneficiado pela derrota do Pouso Alegre Futebol Clube para o Atlético de Três Corações (TC) ²¹. Mas o Superior Tribunal de Justiça determinou a realização de um outro jogo entre Pouso Alegre e o Atlético TC, referendando a denúncia de que os torcedores do Três Corações haviam coagido os jogadores do Pouso Alegre. Na nova partida, o Atlético TC não pôde entrar em campo, porque já havia dispensado os jogadores. O Pouso Alegre, então, obteve os pontos, por WO, e a vaga que pertencia ao Democrata na primeira divisão. Depois de muitas tentativas frustradas de reaver a vaga na 1ª divisão, o Democrata voltou à elite do futebol mineiro em 1991. Os torcedores da Pantera Cor-de-Raça compraram faixas, instrumentos musicais e fizeram uma grande manifestação festiva no jogo de estreia do clube no Campeonato Mineiro contra o Atlético, e o jogo ficou empatado em 1 a 1, duelo que se repetiria nas finais deste mesmo campeonato. Desde então, cada participação do Democrata em campeonatos é uma festa da Pantera Cor-de-Raça e das outras torcidas do time.²²

A torcida Pantera Cor-de-Raça é a torcida organizada mais antiga do time e mais conhecida entre os torcedores até hoje. As duas torcidas organizadas que surgiram mais recentemente, Demorkut e Jovem Garra, são influenciadas e auxiliadas por torcedores da Pantera Cor-de-Raça ²³. Não é o foco, neste estudo, abordar questões específicas sobre torcidas organizadas, mas vale ressaltar e compartilhar algumas informações sobre a

²¹ Pouso Alegre Futebol Clube e Atlético de Três Corações (TC) eram times que disputavam a segunda divisão do Campeonato Mineiro de Futebol na época. Usarei, no texto, os termos Pouso Alegre e Atlético TC.

²² Informações obtidas nas entrevistas e também disponíveis em <<http://www.democratagv.com.br/#>>, acessado em 29/07/08.

²³ Outras torcidas organizadas foram formadas ao longo dos anos, como a Pantergole e a Pandemônio, mas não foi possível perceber atividades efetivas das mesmas e nem encontrar seus responsáveis. As duas torcidas organizadas em atividade encontradas além da Pantera Cor-de-Raça foram a Demorkut e a Jovem Garra. A Demorkut foi formada na internet, por jovens que participavam da comunidade do Democrata no Orkut. Como afirma Mateus, diretor e fundador da torcida: “A torcida foi criada no Orkut. A gente tava participando da comunidade do Democrata, né?! Aí surgiu a ideia de formar uma torcida do Democrata na internet. Juntou eu e mais um outro rapaz, a gente fez os desenho das camisas, e por enquanto a gente queria ficar só na internet. Mas depois espalhou pelo estádio e todo mundo querendo camisa e acabou a gente virando uma torcida organizada. E já vai já pra quatro anos que a gente tá aí junto com o Democrata”. Já a torcida Jovem Garra foi fundada por um ex-diretor da Pantera Cor-de-Raça, em 2009, buscando a mobilização de adolescentes e jovens da cidade no envolvimento do torcer pelo time. Vale ressaltar que, entre as três torcidas, existe uma boa circulação de informações, realização de projetos em conjunto, e vários torcedores fazem parte de duas ou das três torcidas.

torcida Pantera Cor-de-Raça, entendendo-se que contar a história do Democrata é também perpassar a história dessa torcida, que é reconhecida pelos torcedores como um patrimônio do clube. Formada por um grupo que se iniciou com jovens de uma escola técnica de Governador Valadares e depois se expandiu, a Pantera Cor-de-Raça tinha um sentido ideológico quando foi pensada. Segundo o sócio fundador e torcedor-símbolo do time, Roberto, nesse primeiro momento de existência da torcida, havia sempre a postura crítica contra o que se considerava errado e prejudicial para a cidade.

O futebol era apenas, assim, era um braço do pensamento todo intelectual. E quando a Pantera Cor-de-Raça surgiu, já não tinha mais esse grupo lá da escola técnica, mas tinha algumas pessoas, eram do PT, ou que eram contrárias à administração municipal e tudo. E a gente sempre tinha esse lado da cultura. Então nosso sonho com a torcida Pantera Cor-de-Raça era fazer o seguinte, era ser uma inspiração... E a nossa inspiração era a Gaviões da Fiel. Era por ser preto e branco, embora ninguém tivesse simpatia pelo Corinthians, era nossa referência. A camisa preta com aquela alça, né, branca no ombro. A gente tinha vontade de fazer um bloco de carnaval que era a Pantera Cor-de-Raça, que ia ser um bloco para resgatar os carnavais, porque, dos carnavais antigos de Valadares, tinha o bloco dos Fabri, né? E a Liga que saía sempre no carnaval pelas ruas, né? E esse bloco parou de sair em 80 e aí (falei assim, então) Pantera Cor-de-Raça vai substituir esses caras, entendeu? Então assim, sempre tinha essa ideia. Então assim, a Pantera Cor-de-Raça sempre foi uma organização assim mais ideológica. Nas mudanças que a gente fazia, sempre tinha essa postura de criticar, de falar das coisas que atrapalharam muito a cidade. Por exemplo, Valadares é uma cidade de fazendeiro, né? Então, a gente falava: "Pô, os caras só pensam em boi, pasto", entendeu? Não preocupam com a evolução social da cidade. A gente até entendia que o futebol é uma dessas formas, né? De proporcionar o desenvolvimento para a cidade, porque é uma mídia muito forte para divulgar a cidade, muito forte. E a gente pensava também em sociais, porque até na época, nos anos de 1990 e 1980 também, revelava muito craque da periferia, né? Que veio da periferia, que foi para o futebol brasileiro, que fez sucesso. Então o olhar nosso era também em cima disso.



Figura 1 - Torcida Pantera Cor-de-Raça nas metálicas²⁴ do “Mamudão” em 1994²⁵.

Essa torcida cumpre um papel crucial no apoio ao time (jogos no estádio, viagens, incentivo e busca por recursos para o clube) e também influencia outras torcidas, desde as questões que envolvem a parte burocrática, estatuto, reuniões e estrutura jurídica, até a organização de viagens, caravanas para os jogos, produção de faixas e demais artefatos para torcer pelo clube. É importante ressaltar que as torcidas se tornam uma só nas viagens para acompanhar o time em jogos fora da cidade. A organização de caravanas é feita em conjunto e é comum também algumas pessoas participarem de duas ou até mesmo das três torcidas. A seguir temos imagens históricas da Pantera Cor-de-Raça no principal ano da história do clube, 1991.

²⁴ “Metálicas” é o termo atribuído a uma das arquibancadas do “Mamudão”. É formada por vigas de ferro com placas de madeira. Local onde se concentram os torcedores organizados, também é tida como o espaço em que se encontram os torcedores “mais animados”. Constantemente é interditada pelo Corpo de Bombeiros, em função da pouca segurança oferecida.

²⁵ Todas as fotografias utilizadas na dissertação correspondem à fonte: arquivo pessoal do jornalista Tim Filho.



Figura 2 - Pantera Cor-de-Raça em Leopoldina, antes do jogo entre Ribeiro Junqueira x Democrata, 1991.



Figura 3 - Pose dos integrantes da Cor-de-Raça na viagem à Leopoldina, 1991.



Figura 4 - Desfile da Pantera Cor-de-Raça pelas ruas da cidade, chamando a torcida a campo. Eram comuns neste ano, 1991.

Curiosamente, como mostrado na fotografia acima, era comum a torcida sair em carreata pela cidade, convocando as pessoas para o jogo. Hoje em dia, um carro de som percorre a cidade bem cedo em dias de jogos, tocando o hino do time, convidando e estimulando a torcida valadarense a comparecer ao estádio e a sintonizar-se com a “energia” de torcer pelo Democrata.

No ano de 1991, temos o principal marco do time de Valadares, que foi o Vice-Campeonato Mineiro de Futebol, jogando contra o Atlético Mineiro na final. Uma brilhante campanha, terminando o campeonato à frente do Cruzeiro e do América Futebol Clube. Este foi o ano que consagrou o principal ídolo do time até os dias atuais, o atacante Gilmar. O entrevistado Arthur esteve na final no Mineirão e falou na entrevista sobre o jogo e as sensações que marcaram aquele momento:

Eu estava lá. Saímos de carro de Valadares, tinha uns quatro ônibus mais ou menos, o resto era tudo carro. Tinha uns mil torcedores. Em BH, tinha quarenta mil pessoas no estádio e a gente ficava cercado de um lado e de outro dos atleticanos e eles gritavam “Uhu! Democrata vai morrer!”. Tinha a galera da charanga cantando o hino do Democrata e a gente fazia a maior festa. Tava gelado, né? Mil do Democrata e trinta e nove mil do Atlético, mas tudo era festa.

Com dois minutos, o Democrata meteu uma bola na trave e a gente: "Nó! Se o Demô ganhar, nós vamo morrer tudo aqui...". A emoção ali era muito bacana... Aos 30 minutos do primeiro tempo, o Atlético fez 1 X 0 e, no segundo tempo, o Atlético fez mais um, e depois os torcedores entraram dentro do campo pra comemorar com os jogadores e tal. Terminou 2 X 0. Aí a gente foi saindo mais tranquilo. É lógico que a gente sabia que era uma coisa difícil o Democrata ser campeão, né?! Mas foi uma façanha e tanto. O Atlético era superior e tal, mas a gente perdeu só de dois, naquela época foi uma façanha... A chance de ser campeão era mínima, mas por chegar em uma final inédita, isso é considerado como um título pra nós... Eles tinham Eder Lopes, considerado o pulmão do Atlético... Só jogador famoso. A gente via o jogo ouvindo a rádio de Valadares. Os cara tavam doidinhos vendo os jogadores do Atlético de perto. Tinha um tanto de jogador famoso. O Democrata tinha um meio-campo pretim, Dudu, e como a gente jogou de branco, eles falavam que tava parecendo o Santos de Pelé (risos)! Foi muito divertido. Os jogadores do Atlético eram muito famosos na época, por isso consideramos um título. Era Davi contra Golias. O Democrata não tinha jogador, nem salário direito; os cara do Atlético ganhavam cinquenta mil de salário e os do Democrata no máximo três ou quatro mil, isso pra quem ganhava demais. Foi muito bom, uma emoção inesquecível.



Figura 5 - Time vice-campeão de 1991. Em pé: Silvio, Valmir, Baiano, Toninho, Parreira, Borges, Luiz Carlos (Prep. Físico). Sentados: Dica (massagista), Edinho, Alexandre, César, Gilmar e Marcelo Alves.

A incerteza, o risco, o contrato voluntário de lançar-se ao desconhecido, a contar com a vitória ou a derrota em medidas equiparadas talvez seja o que impulse a constante busca pela emoção possibilitada pelo futebol na cidade. Tal relação é marcada também pelas histórias das pessoas, não de suas histórias com o time ou sobre o time, mas a história e a trajetória de suas próprias vidas. Falar sobre os motivos pelos quais torcem, como exercem esse torcer e o que significa ser democrataense perpassa a história de suas vidas e principalmente a história de suas vidas na cidade. Tal imbricação leva a uma percepção de que torcer pelo Democrata pressupõe torcer pela cidade, numa relação de pertença quase indissociável, claramente presente e constante.

3.2 Valadarenses e democrataenses: amálgama de sentimentos

Quanto mais alguém invoca os detalhes, mais fica ligado às peculiaridades do caso imediato, e quanto mais esse alguém omite os detalhes, mais perde contato com o terreno sobre o qual repousam seus argumentos. Cada estudo luta para retirar amplas generalizações a partir de exemplos especiais, para penetrar nos detalhes de forma suficientemente profunda para descobrir algo mais que o simples detalhe.

Clifford Gueertz ²⁶

Enfim, o dia do jogo. E dia da igreja também. Saímos eu, Tiago e toda sua família logo cedo para o culto matinal. Os termômetros já marcavam 33° C. O culto foi muito bacana e, ao final, fomos (Tiago e eu) para uma sala da igreja, para uma espécie de aula para jovens. Muitos perguntavam ao Tiago se ele iria ao jogo no Mamudão. Até mesmo o pastor que conduzia a aula indagou aos presentes sobre quem iria torcer pelo Democrata naquele dia, argumentando que precisávamos fazer isso pela identidade do time com a própria cidade. Saímos da igreja e voltamos para casa. No caminho, pude perceber alguns pedestres com a camisa do Cruzeiro, mas ninguém com a do Democrata. O mesmo sucedeu no trajeto para o restaurante em que almoçaríamos e mesmo dentro deste. A comida estava ótima e, ao fim da refeição, foi possível notar certa aglomeração em uma ala do restaurante. Um cunhado do Tiago veio me explicar que era por causa da presença do presidente do Democrata no estabelecimento. Deixamos o restaurante em direção ao Mamudão. Eram 13h e os termômetros marcavam enlouquecedores 43°C. Paramos o carro uma rua antes do estádio e, mesmo o jogo sendo apenas às 16h, já era possível perceber uma movimentação diferente na região. Muitos policiais e carros de polícia estavam presentes na área, transmitindo uma sensação de segurança interessante. Havia, inclusive, um sem número de policiais mulheres em serviço. Os varais com camisas e bandeiras de times estavam espalhados, um em cada esquina, destacando principalmente as cores e símbolos do Cruzeiro. As camisas do Democrata também se sobressaíam nos varais. Em menor número, viam-se também artigos do galo, de times do Rio, de São Paulo e do exterior. A cada 10 ou 15 metros que andávamos em direção

²⁶ GUEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.**

ao estádio, um cambista nos oferecia ingressos. Perguntamos o preço e era praticamente o mesmo da bilheteria. Nesta, porém, só havia entradas para o setor de cadeiras a exorbitantes R\$ 100,00. Ao lado da bilheteria, estava o portão para a sala da Pantera Cor-de-Raça, maior torcida organizada do Democrata. Várias pessoas usavam camisetas com símbolos da torcida, destacando-se uma pantera negra com rosto feroz tocando um tambor. Curiosamente, em meio a esses “torcedores organizados”, era possível ver gente com a camiseta do próprio Democrata, com camisetas do Cruzeiro e até do galo, sem que houvesse qualquer tensão aparente. Achei incrível. Ainda na porta da sala da Pantera Cor-de-Raça, percebi, em meio ao som de tambores, o entra-e-sai de duas integrantes femininas da torcida, fato que me chamou muita atenção. Aparentemente estavam bem à vontade, apesar de um homem ter tentado mexer com uma delas com uns assovios. Nas redondezas do estádio, foi possível ver um número considerável de mulheres (ainda que em clara minoria) trajando camisetas do Democrata, do Cruzeiro e mesmo não uniformizadas. Também em torno do estádio, notei que havia alguns bares simples, nos quais estavam vários torcedores tomando uma cerveja, numa espécie de concentração pré-jogo. Infelizmente, não pude observar mais coisas, pois tínhamos horário para voltar e estávamos atrasados. Despedi-me do Mamudão com uma simpatia maior pelo Democrata. No carro, a caminho de Belo Horizonte, as ondas de rádio reverberavam a vitória da Pantera. Confesso que não fiquei triste...!²⁷

Na tentativa de invocar os detalhes, como anunciado nas palavras de Gueertz, procurei trazer aqui características que nos permitam olhar “para além dos detalhes”, expressas em momentos, falas, percepções e significados produzidos e difundidos entre os torcedores na cidade. O trecho fala sobre um dia de jogo do Democrata. A mobilização e a expectativa das pessoas são perceptíveis. O que me permite fazer uso da metáfora do “amálgama”²⁸ para buscar uma relação com a fusão entre os torcedores e a cidade, quando o assunto é torcer pelo Democrata. É quase impossível dissociar o time da cidade quando fala-se sobre os significados desse torcer. Quando questionados sobre os motivos pelos quais torcem pelo time, os entrevistados apontam a cidade como uma potente justificativa dentro dos significados partilhados e negociados entre eles.

²⁷ Ocasão: jogo entre Democrata e Cruzeiro, pela última rodada da 1ª fase do Campeonato Mineiro de 2010 – 28/03/10. O trecho é parte das anotações de campo feitas pelo integrante do GEFuT Marcos de Abreu Melo, torcedor do Cruzeiro, que estava em Valadares no dia do jogo entre Democrata e Cruzeiro. Este colaborador foi previamente instruído e contribuiu com a pesquisa. Por entender que os detalhes expressos por um “olhar externo” pudessem auxiliar nas compreensões, trouxe parte dessas anotações para o trabalho, buscando elementos para apresentar essa relação entre os torcedores, a cidade e os significados do torcer pelo Democrata.

²⁸ Metáfora usada para perceber uma liga entre elementos de naturezas diferentes. Trata-se de diferentes pessoas, vidas, histórias e trajetórias que se unem como uma liga condutora quando se trata do torcer pelo Democrata.

3.3 Os significados do torcer pelo time

Para que um indivíduo ou grupo possa dar sentido à sua participação numa ação social, ele tem que reconhecer o significado do que está nela em termos de conteúdo das mensagens implícitas, observar quem é o emissor e o receptor, que universos simbólicos contemplam, que valores defendem ou rejeitam (GOHN, 2008). Sentido é a direção, orientação, diretriz, rumo, é destino que conduz a desdobramentos. Mas antes que produza desdobramentos, ele passa por um processo subjetivo, à medida que os atores sociais compartilham o significado das coisas e fenômenos com que se defrontam. Significado é o conceito de algo, como ele se define e é para os sujeitos que participam das ações coletivas, por exemplo. “Os significados são aprendidos e apreendidos, são socializados, identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro” (GOHN, 2008, p.31). Hall (1997) aponta que

os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas” e contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 16).

O significado é o que possibilita a vida humana, pois é em volta dele que as relações entre as pessoas são concretizadas. Brandão (2002) acrescenta que é o significado que coloca as manifestações sociais no plano da cultura. Diante disso, a cultura pode ser pensada como uma tentativa incessante de aprendizagem sobre como viver nesse mundo que criamos e recriamos, uma criação pelo caminho do sentimento, do sentido, do significado e das relações sociais.

Diante desse universo em que se dá a produção de significados, foi possível perceber que a relação com a cidade é uma clara característica na produção de significados no torcer pelo Democrata. A inestimável paixão pela cidade se confunde com a paixão pelo time e com a história das pessoas na cidade. Dona Clara, por exemplo, tem 84 anos e mora na cidade há aproximadamente 70 anos. Um de seus filhos foi atleta do clube. Ela mora atrás do campo e hoje acompanha todos os jogos da varanda de seu apartamento com visão “privilegiada”. Os radinhos também ficam posicionados por toda

parte, para que ela não perca um só lance. Quando questionada sobre por que torce pelo Democrata, ela afirma:

Por que torço? Por que gosto. Um é porque é nosso, é de casa aqui, todo mundo é conhecido. Tem essa vantagem, você não gosta quando é uma pessoa sua que está lá? Ah, vou ver se fulano vai fazer gol hoje, e coisa e tal e tal. E assim a gente vai *panhando* amizade, torcendo para aquele, fulano hoje tá melhor. Quem é que mora aqui e não vai gostar do Democrata, menino? Num tem jeito não, tem que gostar. Os baúzinho mesmo capricha mesmo, faz força pra fazer o melhor, então todo mundo gosta. Um lugar que não é grandes coisa, que não é grande, com um time desse aqui?! Muito bom! Se você vier pra qui, também você vai torcer. Valadares é bom, viu! O povo todo amigo, você conhece todo mundo, num é igual Belo Horizonte, Vitória, esses lugar grande. Você conhece pouca gente, né? Mora, mora lá, já morei em Belo Horizonte, e quando acaba, conhece pouca gente. Agora aqui não, todo mundo é conhecido, muito bom aqui! Eu gosto deles é por isso. Se eles fossem lá de Belo Horizonte, eu não queria nem ver. Eu gosto dos nossos, das coisas nossas. Nós temos um time que pode aparecer.

Abraão tem 18 anos e acompanha os jogos do time desde criança com o pai e os amigos.

Por que me tornei torcedor? Ah, cara, eu acho que é a relação minha com Valadares. Eu gosto muito daqui e eu acho que o Democrata representa muito isso aqui. Tanto é que, lá fora, eu adoro falar que a torcida do Democrata é a maior do interior, que o pau quebra, que para ganhar aqui dentro é difícil, o cara não consegue. Então, isso demonstra muito a minha relação com a cidade. Paixão por onde você vive, por onde você foi criado, acho que esse é o principal motivo.

As afirmações dos torcedores permitem perceber a conexão do torcer com a proximidade em relação ao time, às pessoas, aos lugares e às histórias construídas ao longo de anos. Isso me remete às reflexões desenvolvidas no trabalho de Mayol (2009). Em seu trabalho o autor expõe a dinâmica de bairros franceses, argumentando a respeito de como “micro-histórias” do tipo “práticas singulares” (a cozinha e as artes da alimentação) passaram da esfera particular para a esfera pública, e se estendendo ao bairro (um espaço operário). O autor fala de astúcias, formas de resistência à sociedade do consumo e como se dão essas relações no espaço restrito de um bairro. Tais abordagens e reflexões me ajudaram a pensar em como se dá a produção de significados no espectro do torcer pelo Democrata, entendendo essa dinâmica em uma cidade do interior também em sua “micro-história”. “O bairro é o espaço de uma relação com o outro ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de todo um ato cultural” (MAYOL, 2009 p.43). O bairro surge como domínio onde a relação tempo e espaço é a mais favorável para alguém que deseja deslocar-se a pé saindo de

sua casa. É o pedaço de cidade contornado por um limite que separa o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sequência de passos numa calçada, aos poucos significada pelo seu vínculo orgânico com a residência.

A caminhada de quem passeia pelo bairro é portadora de diversos sentidos: sonho de viajar diante de certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembranças de itinerários enterrados no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino, inúmeros “segmentos de sentido” que podem ir um tomando o lugar do outro, conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertados ao acaso dos encontros, suscitados pela atenção flutuante aos “acontecimentos” que, sem cessar, vão-se produzindo na rua (MAYOL, 2009 p.44).

Pensar essa caminhada para além dos aspectos da vida cotidiana no bairro é como percebi o desafio a que as pessoas se lançavam para falar sobre o time e conseqüentemente sobre sua relação com a cidade. Não necessariamente uma caminhada pela rua e pelas vitrines da cidade, mas uma caminhada pelos momentos, sensações, desejos e sentidos escritos e inscritos em suas trajetórias e experiências nos lugares, esquinas, estádio e jogos.

Semelhantemente à caminhada para além dos aspectos da vida cotidiana no bairro, discutida por Mayol, os trajetos espaço-temporais que as pessoas estabelecem na relação com um time se apresentam entrecruzados com as relações estabelecidas com a cidade. Os elementos concretos experimentados nos episódios ligados ao torcer – ruas, esquinas, estádio, clubes, bares, casas, pessoas, músicas, bandeiras – recobrem-se, ao longo do tempo, de significações simbólicas cada vez mais intrincadas com vários aspectos que os sujeitos atribuem às relações constituídas nos espaços da cidade. Nesse processo de significação, os valores simbólicos tomam a frente dos elementos concretos, e os sujeitos passam a fruir a torcida e o torcer, movidos por sentidos mais profundos, como os sentimentos de pertença à cidade, ao lar, às histórias e memórias construídas.

Os relatos dos torcedores sempre expressam uma relação entre as pessoas e o mundo físico-social da cidade. A padaria; a casa velha onde jogavam “pelada”; o amigo jogador que morava perto da escola; os encontros, os bares, esquinas e todos os locais em que o futebol se realiza para além do campo e se concebe nas extensões da cidade. O indivíduo se inscreve numa rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares), e imprime suas características dentro de um processo de negociação constante. Para Mayol (2009), a prática do bairro (e, acrescento, da cidade)

é desde a infância uma técnica do reconhecimento do espaço enquanto social; deve-se, então, tomar aí o seu lugar: uma pessoa mora na Croix-Rousse ou à Rue Vercingétorix, assim como pode chamar-se Pedro ou Paulo. A assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública (p.44).

Meu desejo é provocar um entendimento que essa assinatura que atesta uma origem e que se inscreve na história dos sujeitos exposta pelo autor falando do bairro francês, compõe um conjunto de elementos de significação social do qual o ato de torcer por um time também faz parte. No caso específico dos valadarenses, torcer pelo Democrata é assumir-se como parte desse processo de apropriação do espaço e dos lugares. É afirmar-se dentro de uma história da cidade e de seus “bens culturais”. É parte da vida “cotidiana”. O sentimento que emerge no torcer pelo clube denota um engajamento social provocado pela produção de significados, em que, caminhos e sentidos diferentes percorrem as trajetórias das vidas das pessoas, no entanto convergem em um objetivo comum no que diz respeito ao desejo, às emoções e a arte de realizar-se com parceiros conectados pelo sentimento de amor ao time e à cidade. É o que fica claro nas palavras de outro entrevistado, torcedor-símbolo da pantera Roberto.

Olha, eu acho que torcer pro Democrata é ser valadarense, porque o torcedor do Democrata, ele antes de tudo ele é valadarense. Ele tem ali implícito nessa relação o amor pela cidade. Uma coisa que eu acho assim muito interessante, por exemplo, eu percebi isso em vários momentos, é que torcer pelo Democrata seria assim uma declaração de amor a Valadares. Só que a forma como essa declaração é exposta é que é diferente. Então às vezes você pode pegar um torcedor que ele verbaliza uma coisa, mas ali está implícito uma declaração de amor a Valadares, uma declaração de respeito a Valadares, mesmo que não seja: “Eu te amo, Vivi”, por exemplo, né? Até mesmo esse sentimento de pertencimento está muito implícito. Tipo quando a imprensa fala “o Democrata de Governador Valadares”... Ah... “O time de Governador Valadares vai bem...” “Democrata de Governador Valadares...” tal “A Cidade mineira...”. Esse tipo de coisa vem realçando o sentimento. Então eu acho que é por aí.

Cada torcedor expressa seu sentimento de uma forma, por palavras e ações. Para Mayol (2009), manifestações dessa natureza representam o que ele denomina “conveniência”, um compromisso pelo qual cada pessoa, “renunciando a anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos, necessariamente protelados” (p. 39).

Para fazer perdurar a história e a tradição da cidade e do time, o indivíduo adere a um contrato social que negocia um engajamento emocional diversificado, investindo, a

partir de sentidos pessoais, uma doação de si mesmo ao coletivo “socializado”, em que os benefícios simbólicos protelados seriam justamente o anseio por ver o crescimento do time e da cidade.

A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a fabricou para o seu uso próprio, desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. Aí se acham todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam, o dispositivo social e cultural, segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento (MAYOL, 2009, p. 45).

A cidade é o local de encontro. Na cidade as histórias se encontram. Nas histórias o time se faz presente. Os sujeitos / torcedores, como agentes sociais, entram em contato com outros sujeitos sociais, e há o encontro que gera conflitos, permanências, tradições, trocas e reproduções. Isso gera transposições e impactos sobre a cidade, estabelecendo-se outra lógica que não é a do cotidiano. Durante três ou quatro meses, período em que o time disputa o Campeonato Mineiro de Futebol, a cidade é “poetizada” pelas emoções, memórias e motivações presentes nas vidas dos valadarenses. Reconhecer-se e expressar-se como torcedor do Democrata é declarar-se membro da cidade e convocar os demais à mesma conjunção. Para muitos torcedores, o time é símbolo da cidade e a representa, como expresso nas falas de Letícia, Abraão e Alex:

Então, eu acho que um pouco tomou o Democrata como uma, um, um símbolo assim da nossa cidade e aí as pessoas torcem com esse fervor, essa emoção, né? A gente vê assim, outras torcidas e tal, a gente sempre acha que a torcida do Democrata é a maior, a mais empolgada, né? Então, eu acho que é essa coisa meio da cidade, assim mesmo, né? De ter o Democrata como um símbolo da, da nossa cidade. (Letícia)

Valadares é uma cidade muito pobre de ídolos e de símbolos. Você vai falar que é uma cidade industrial? Comércio? Então, tem o clube... Valadares tem o Democrata e tal, que está aí. Então, eu acho que é um símbolo da cidade... O apoio do governo municipal tinha que ser maior para o Democrata, por ser símbolo da cidade. (Abraão)

Eu acho que, eu penso que ser democratense é você ser Valadarense, é você gostar da sua cidade e gostar das coisas que tem na sua cidade. Como eu já tinha te falado, é o patrimônio da cidade, voltado para o esporte, especificamente. Mas é isso, o ser democratense é você ser valadarense, é você gostar da sua cidade, do futebol que é praticado dentro da sua cidade, que o Democrata é referência. Isso eu acho que é ser democratense. Eu acho que, até por que a gente tem até exemplo de amigos que não são de Valadares, mas vêm morar, vem morar em Valadares e criam essa identidade com o time. Porque é, como eu já te disse, é uma atração, é a atração da cidade. Então, é difícil você, você vir para Valadares, ou ser de Valadares e não torcer para o Democrata. Você pode torcer para outro

time, como eu já te falei, mas você que, que reside aqui em Valadares, você vai ser democratense. Você indo ao estádio, você que gosta de ver o futebol, você vai torcer para o Democrata. (Alex)

Alex acrescenta:

Eu acho assim que Valadares, ela tem, voltada ao lazer e ao esporte, ela tem, tem dois grandes marcos, que são, que é a pedra do Ibituruna, Pico do Ibituruna, que a cidade é conhecida mundialmente pelo, pela prática de voo livre e atividades aéreas, e o, o Democrata. Que o Democrata ele é, independente do sucesso que ele, ele faça falando de Brasil, mas o público que gosta de futebol e que tem interesse sobre os acontecimentos relacionados ao futebol, principalmente o público mineiro, ele conhece o Democrata. Então, eu acho que, que esse, são bens que a cidade tem que, tem que fazer formas para não parar, sempre melhorar, entendeu?

Nesse campo das manifestações simbólicas e dos significados, as pessoas criam, desconstruem, produzem e perpetuam a cultura e as tradições. Fica claro, na fala dos torcedores, que eles consideram o time como um símbolo da cidade. Nele se afirmam e se revelam democratenses a partir dessa relação.

No que diz respeito ao cotidiano Certeau (2009) afirma que é aquilo que nos é dado a cada dia ou o que nos cabe partilhar. Aquilo que assumimos ao despertar. O que nos prende intimamente, a partir do interior, um “mundo de memória”. Um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, do corpo, dos gestos e lugares da infância, dos prazeres. Nas palavras do autor “o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível” (p. 31). A Rua é a estrutura formigante das atividades ritmadas por espaços e relações. Linguagem plural de histórias estratificadas, de relações múltiplas entre desfrutar e manipular, de linguagens fundamentais soletradas em detalhes cotidianos (CERTEAU, 2009).

Chamo a atenção, porém, para percebermos um cotidiano que ultrapassa os quatro meses de competição na cidade, e reverbera durante os meses e os anos fazendo com que o “sentimento não pare”. O cotidiano das emoções. Um cotidiano que talvez não envolva necessariamente uma necessidade “prática” (no sentido de comportamentos específicos, atividades previamente determinadas) de doação das pessoas para que a existência aconteça nessa perspectiva prática, mas que nem por isso deixa de ser essencial nos anseios humanos.

Uma dimensão também fundamental para a existência / sobrevivência das paixões na cidade, onde empreender uma “caminhada” pelo bairro / cidade seria antes de tudo

empreender uma viagem pelas histórias arquitetadas nos lugares e momentos, implícitas em espaços de lembranças que jamais poderão ser descritas ou compreendidas por completo. Um cotidiano que se faz necessário e presente para a perpetuação dos sentimentos e das emoções. Algo gerado, inscrito e concebido nas estruturas, espaços e ruas da cidade de forma “invisível”, mas sobrevive nas memórias, histórias e “linguagens soletradas” ao longo dos anos.

Várias são as manifestações que mostram isso. Outro exemplo dessa relação “fundida” entre o clube e a cidade foi quando o Democrata conquistou o título de Campeão Mineiro de Juniores em 2003. As expressões dessa junção são mostradas de diversas maneiras: faixas distribuídas pela cidade; reportagens que enfatizam que o time “eleva” o nome da cidade; dentre outras diversas ações.

As duas fotografias a seguir estiveram presentes em diversos jornais e veículos de comunicação na cidade. Na primeira imagem, uma faixa faz alusão a essa relação entre o time e a cidade, afirmando que o clube elevou o nome da cidade mais uma vez. “Parabéns Campeões: a panterinha juntamente com funcionários, comissão técnica e diretoria, elevaram mais uma vez o nome de Valadares”. Na segunda imagem, temos a carreata dos jogadores, juntamente com o presidente, percorrendo as ruas da cidade e comemorando juntos com os moradores e a torcida valadarense.



Figura 6 - Homenagem da Câmara de Vereadores de Governador Valadares aos Campeões Mineiros de 2003.



Figura 7 - Jogadores da Panterinha desfilam no carro dos Bombeiros, em 2003, na chegada de Patos Minas, onde o time conquistou o Campeonato Mineiro de Juniores.

Além da relação direta com a cidade, quando as questões envolvem o torcer pelo Democrata, destaco também a abordagem sobre o “pertencimento clubístico”, tema do qual tratarei a seguir.

4 O PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO

A paixão dos torcedores por seus clubes do coração já foi alvo de investigações em alguns estudos. Destaco aqui os trabalhos de Damo (1998 e 2002) e Silva (2001). O futebol funciona a partir de um sistema de lealdades, em que torcer implica pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele. No caso do Brasil, o pertencimento clubístico atribui-se a vínculos identitários dos torcedores do futebol a seus times, como ocorre com o *rugby* na África do Sul, Nova Zelândia e Austrália e com o beisebol, o basquete e o *football* nos EUA, (DAMO, 2002).

A noção de pertencimento clubístico atravessa as noções comuns do torcer, gostar, amar, ser apaixonado, etc. e “especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional” (DAMO, 2007, p. 52). Ainda que usados como sinônimos, como afirma o autor, *torcer* e *pertencer* não são exatamente a mesma coisa. Nesse caso, torcer²⁹ serviria para caracterizar tanto adesões duradouras quanto as eventuais, e o pertencimento clubístico denotaria uma modalidade de envolvimento intensa caracterizada como uma relação identitária do torcedor com o seu clube do coração.

Identidade entendida a partir da relação estabelecida entre o sujeito e a sociedade. Hall (2005) afirma que projetamos a nós próprios nas “identidades culturais”, ao passo que, concomitantemente, internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós. Nesse processo, alinhamos nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural, entre constantes negociações e transformações. A identidade torna-se também uma “celebração móvel”, formada, transformada e ressignificada continuamente, a partir das diversas maneiras pelas quais nos representamos ou somos interpretados nos sistemas culturais; ela se define historicamente e não biologicamente. Essas relações de identificações são continuamente deslocadas, à medida que sistemas de significação e representação cultural se

²⁹ Sobre a origem do termo “torcer”, ver Gino (2010, p. 43).

multiplicam e somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis (HALL, 2005).

Não são precisos os contornos que definem a relação identitária estabelecida pelos torcedores com seus clubes. Damo (1998) afirma que essa paixão clubística transcende o próprio futebol. É raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu “clube do coração”, mas é comum encontrar pessoas com pouca ou nenhuma prática deste esporte que se dizem torcedores fanáticos.

Em sua inserção nos grupos sociais, o indivíduo se reconhece como parte de uma comunidade que o transcende. Dentro de uma “comunidade de sentimento”, o indivíduo passa a integrar uma totalidade que o engloba. Sozinho, ele rompe com o sentimento de pertença e retorna ao anonimato da individualidade (TOLEDO, 1993). O pertencimento clubístico é uma expressão de coletividade exclusiva. Um “espaço” onde as regras, negociações, permissões e transgressões são elaboradas coletivamente. Pautada por laços familiares, de simpatia e amor, é uma coletividade que se escolhe voluntariamente dentre tantas agremiações clubísticas. Os torcedores falam como “nação”³⁰, sentindo-se partícipes da trama que figuram dentro de seus próprios times. DaMatta (1994) afirma que torcer por um clube de futebol e transformá-lo no time do coração, é uma escolha individual, personalizada, pessoal e subjetiva, mesmo que vários fatores externos como família, parceiro(a), mídia, entre outros, tentem influenciar.

Outro aspecto a ser levado em consideração, quando se trata do pertencimento clubístico é, para além do amor ao time do coração, a necessidade de se odiar o grande rival. O estudo de Damo (1998) constituiu-se de uma pesquisa etnográfica junto ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Nesse trabalho, o autor percebe que é por oposição ao Sport Club Internacional, o “outro” porto-alegrense, que os gremistas se pensam primeiramente. Também se pensam entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento que simboliza uma nação, permitindo-se expressar os antigos, e ao mesmo tempo atuais, sentimentos regionalistas, principalmente quando vencem times de outros estados e do centro do país.

³⁰ Neste caso, Damo (1998) sugere a definição de “nação”, enquanto “comunidade de sentimento”, suscitada por Weber (1974), em que: “num certo sentido, (...) significa, acima de tudo, que podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores. Não obstante, não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação concertada deve resultar dessa solidariedade” (DAMO 2007, p. 202).

O vínculo clubístico não se caracteriza por uma adesão aleatória. O sistema de pertença negociado coletivamente é o que sugere e até mesmo constrange determinadas atitudes. Nas investigações empreendidas por Damo (1998), no que diz respeito a esse pertencimento, percebeu-se que se dizer gremista era mais do que torcer pelo Grêmio de Porto Alegre, mas negar totalmente o time colorado, o Internacional. Da mesma forma, se um indivíduo expressa “amor” ao Inter, dirá o sistema de pertenças que ele não apenas ama o Inter sobre todos os outros clubes, mas também que “odeia” o Grêmio. Ser colorado é, ao mesmo tempo, ser um “antigremista”. “Tornar-se colorado implica, pois, a adesão a um universo de regras e afinidades e de evitações preestabelecidas, tanto quanto sugerem ser as adesões a outras coletividades” (DAMO, 2007, p.55).

São típicas as rivalidades históricas no futebol brasileiro. Ser corintiano é antes de tudo ser “antissão-paulino”. Dizer-se cruzeirense seria afirmar-se, antes de tudo, “antiatleticano”. Em outro estudo que aborda a relação de pertencimento do torcedor a um clube, Silva (2001) buscou compreender o processo de construção da relação do torcedor vascaíno com o Clube de Regatas Vasco da Gama. O autor aponta que a relação intensa do torcedor com o clube faz com que ele não separe a identidade sujeito / torcedor e que essa identidade é causada por experiências de alegrias e tristezas nessa relação. Esse trabalho observou também que, na afirmação do torcedor vascaíno, existe o anticlube Clube de Regatas Flamengo, como se o vascaíno identificasse seu clube e sua torcida como diferentes de outros clubes e de outras torcidas por uma série de valores. Assim, o torcedor se interessa pela equipe de futebol, em geral, por vínculos familiares, de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com as origens e/ou história do clube, ou por vivenciar momentos de sucesso ou insucesso dessa equipe. Grupos procuram identificar e reconhecer alguns significados, bem como negar outros, para se estabelecerem como grupo e para se distinguirem de outros grupos. Nesse caso também não foi diferente: dizer-se vascaíno é também afirmar-se um “antiflamenguista”.

Deslocando o olhar das grandes rivalidades e dos grandes clubes, caminho para os clubes do interior e revisito também alguns trabalhos que tratam do futebol de várzea. Cito os trabalhos de Rigo (2007) e Rigo et al. (2010). Os estudos se desenvolveram na cidade de Pelotas / RS. Rigo (2007) aborda questões relacionadas à amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro, tendo como referência o caso da Sociedade Recreativa Arealense, um clube esportivo-recreativo de bairro tradicional da cidade de Pelotas. Ressalta-se, neste trabalho, que diferente dos clubes profissionais, o futebol de

bairro nunca pôde contar com o dinheiro dos ingressos e nem com os grandes patrocínios. Porém nem por isso a paixão pelo time do bairro e a rivalidade com outros times do mesmo bairro e de outros bairros era diferente. Cita-se, como exemplo, a rivalidade que existia entre o Arealense e o Sul-América no bairro Areal. Quando os dois times jogavam, os ânimos se exaltavam. Sempre que se enfrentavam em jogos de campeonato ou até mesmo amistosos, os comentários e provocações inerentes à rivalidade futebolística tomavam conta do bairro. Independentemente do estádio em que o jogo se realizava, a presença da torcida dos dois clubes era certa. O jogo entre Arealense e Sul-América para o bairro era considerado um “Bra-Pel” ³¹ (RIGO, 2007). Ao mesclar sentimentos clubísticos, forjados por essas rivalidades, com laços de pertencimento ao bairro, o futebol cria elos de interação e interconexões com todo resto da cidade. Enfatiza ainda o autor que “os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas” (p.90). O clube se transforma num lugar propício para encontros, aproximação de pessoas e um espaço³² de sociabilidade.

Rigo et al. (2010) analisam dois campeonatos de futebol de várzea, também da cidade de Pelotas / RS. O Campeonato Praiano e o Campeonato Citadino, que são as duas maiores competições organizadas pela Liga Pelotense de Futebol Amador (LPFA). O futebol amador é presença marcante na cidade e no lazer das pessoas, principalmente nos fins de semana. Destaca-se, nesse estudo, que os jogadores são das classes populares e participam da competição exclusivamente por lazer. A presença do público é constante nas duas competições. “Os clubes de maior torcida são aqueles que possuem vínculos mais orgânicos com as comunidades a qual pertencem” (p. 168).

Questões que envolvem as rivalidades, mobilizações e paixões no torcer no futebol são perceptíveis quando se fala dos grandes clubes e também quando tratamos do futebol de bairro e dos clubes de várzea. Nas palavras de Damo (2007), não há dúvidas

31 Rivalidade entre o Grêmio Esportivo Brasil, também conhecido como Brasil de Pelotas, e o Esporte Clube Pelotas, na cidade de Pelotas / RS. O Brasil de Pelotas é rival histórico do Esporte Clube Pelotas. As partidas entre o Brasil de Pelotas e o Esporte Clube Pelotas são conhecidas como “Bra-Pel”. Vale consultar a dissertação de Jahneka (2010) em que aborda questões referentes às manifestações dos torcedores do Grêmio Esportivo Brasil.

32 A este “espaço” específico que equivale a uma determinada rede de sociabilidade, Magnani (1982, 1996, 2007) chama de “pedaço”. “Assim pedaço designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que as fundadas nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2007, p. 20).

de que o Banguzinho e o Academia do Morro, mesmo à margem do sistema FIFA, possam desempenhar idêntica função significativa de Grêmio e de Internacional, “afinal, uns e outros são capazes de pôr em evidência um conjunto de representações que transcendem o futebol. Ou ainda, eles são capazes de mobilizar dadas comunidades de pertencas, consideradas as devidas proporções” (p. 57).

Em Valadares, com o Democrata, o pertencimento clubístico também se faz presente. Como já apontado, o time suscita emoções e mobilizações das pessoas na cidade. A paixão dos torcedores é visível e manifestada de diversas maneiras. Ressalto, entretanto, as particularidades com que essas manifestações e expressões acontecem. A princípio, apontarei duas características desse torcer pelo time, que se distinguem dos exemplos e estudos que abordaram a questão do pertencimento clubístico.

A primeira delas está relacionada ao fato de o Democrata não ter nenhum rival tradicional que evoque uma rivalidade histórica. Logo, esse pertencimento se dá por outras afirmações que não a negação do rival na cidade ou região. Existem algumas rivalidades com outros times do interior de Minas Gerais, mas nada que se assemelhe a Grêmio e Internacional, Vasco e Flamengo, a um “Bra-Pel”, ou até mesmo a rivalidades de times de bairro no futebol de várzea.

A segunda característica é pelo fato da maior parte das pessoas torcerem para outros times além do Democrata. É como se fosse “óbvio” que o morador de Valadares torcesse pelo time, porém como time do “coração”, onde se estabelecem os vínculos “orgânicos” com o local onde as pessoas vivem e acompanham. Demandando, contudo a necessidade de se vincular a outros times para viver a excitação futebolística para além do Campeonato Mineiro de Futebol. Talvez essa característica possa ser comum também entre os torcedores no futebol de várzea, embora não abordadas pelos autores nos trabalhos citados. Tais características geram outros vínculos, interesses e negociações na produção de significados dentro do sistema coletivo de pertença em que os torcedores afirmam-se “democratenses”.

São raros os casos de pessoas que torcem apenas pelo Democrata. A maioria dos torcedores torce também por outros times. Geralmente elas afirmam decisivamente que, no caso de um confronto direto, torceriam pelo “time da cidade”. É comum inclusive, quando o Cruzeiro ou o Atlético vão a Valadares enfrentar o Democrata, a torcida se tornar uma só, comemoram lances e gols dos dois times. É igualmente comum perceber

torcedores do Cruzeiro, do Atlético e de outros times trabalhando juntos nas torcidas organizadas do Democrata, por exemplo. A tabela abaixo é ilustrativa dessa situação. Ela apresenta a relação dos outros times para os quais os torcedores democratenses torcem³³.

Times	Torcedores	
	Abs.	%
Cruzeiro	5	36%
Atlético	4	29%
Só Democrata	2	14%
Vasco	2	14%
Flamengo	1	7%
Totais	14	100%

Tabela 1 - Outros "times do coração" dos torcedores do Democrata

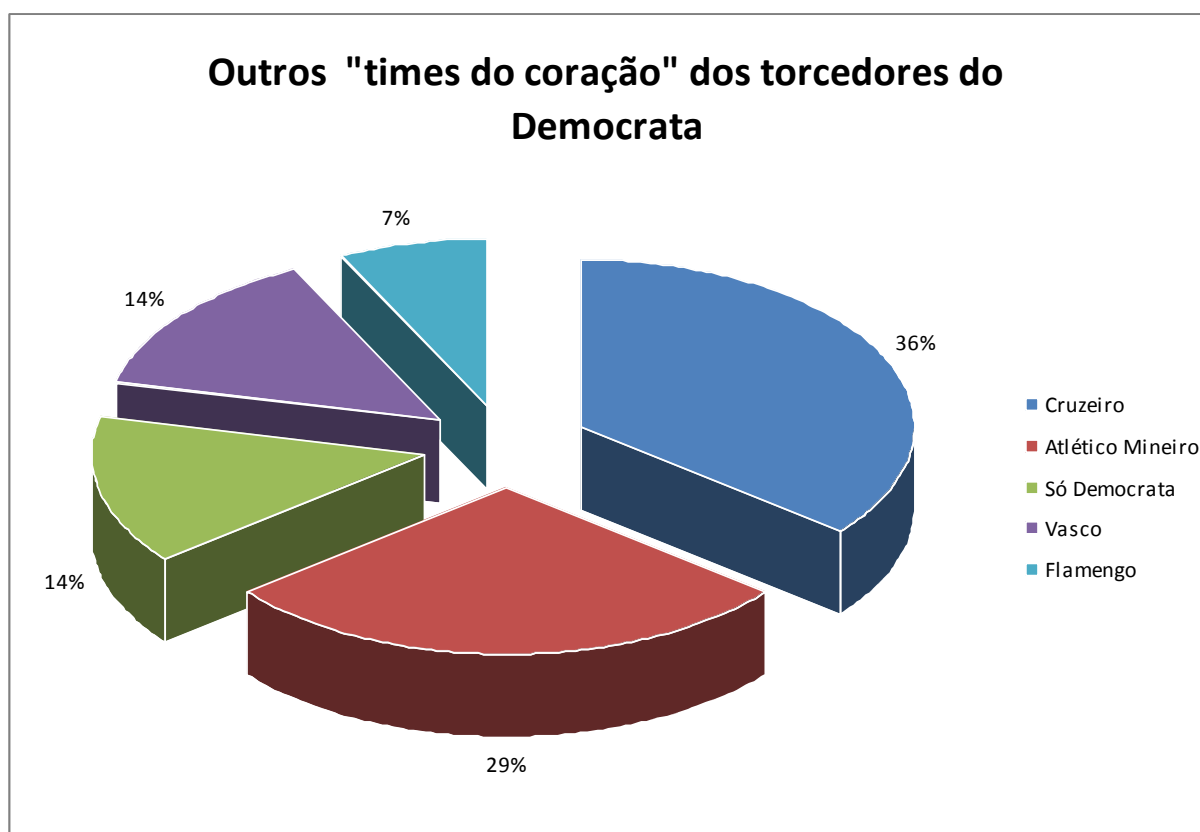


Gráfico 1 - Outros "times do coração" dos torcedores do Democrata

³³ A disputa é maior com os dois principais times de Minas Gerais. No entanto aparecem também os times do Rio de Janeiro. O Clube de Regatas Vasco da Gama será chamado "Vasco" e o Clube de Regatas Flamengo de "Flamengo".

Como já adiantado, o fato de o Democrata disputar apenas o Campeonato Mineiro e mobilizar a cidade por apenas três ou quatro meses motiva a adesão dos democratenses a outros times também. As reivindicações dos torcedores por melhores condições e investimentos para o time são constantes. Porém a paixão pelo futebol e por um time pressupõe uma “aproximação” (ver os jogos, acompanhar notícias, comentários, reportagens), e quando isso não é possível, a necessidade de alimentar essa dimensão humana da paixão e das emoções é buscada em outros times. Mateus, fundador e diretor da torcida organizada Demorkut também é torcedor do Flamengo e fala sobre essa relação.

Quando não tem jogo no Democrata, infelizmente a gente fica esperando, contando de nove em nove meses, porque em Valadares os empresários não ajudam, a prefeitura não ajuda. Todos os times do campeonato mineiro você vê aí na camisa lá... Prefeitura, prefeitura ajudando. Só em Valadares você não vê prefeitura, você não vê ninguém ajudando o time. E quando não tem jogo do Democrata, o jeito é a gente acompanhar o campeonato Brasileiro (risos).

Quando perguntei se porventura houvesse algum dia um confronto entre Democrata e Flamengo pela Copa do Brasil, como ficaria o coração. Ele respondeu:

Sou Democrata sempre! Pode jogar até com a seleção que eu sou Democrata. É o time da nossa cidade, é o time que representa a nossa cidade e... É o time que a gente aprende a gostar. Quem vê o jogo do Democrata fica ali na torcida, vê como é que é bom tá ali.

A torcedora Lúcia também fala da dificuldade de acompanhar o time apenas em alguns meses. Ela é torcedora apaixonada do Cruzeiro e sempre acompanha o Democrata em períodos de jogos.

Como o time é daqui da casa, e Belo Horizonte é muito distante daqui, então é mais fácil eu ir ali acompanhar, ver de perto mesmo, é melhor o Democrata. É a mesma coisa como se fosse uma família. O Cruzeiro eu acompanho o ano todo, eu olho as notícias, compro a camisa da hora, é... Joga o ano todo o campeonato e tal... Até na parada da Copa, eu acompanhei os amistosos. Tudo, tudo, tudo. Então é diferente. Aí o... O Democrata é uma coisa de meses...

Arlei é torcedor do Atlético e afirma:

A minha família, embora praticamente toda, né, da minha casa seja atleticana e eu também sou atleticano, mas a gente sempre colocou o Democrata, sempre ia no jogo, sempre torcia pelo Democrata, inclusive contra o Atlético. E assim, sempre. Meu avô, depois minha mãe, certo? Mas tenho as... Um pouco de dúvida, se fosse outras situações, né? Se o Democrata disputasse Campeonato Brasileiro, se o Democrata participasse da Copa do Brasil... É uma coisa de... Da cidade e do envolvimento, a minha relação com o Democrata é... É de ter uma coisa próxima. Uma coisa próxima, como se fosse uma outra, uma terceira casa que eu tenho. É... Meu trabalho, minha casa e o Democrata. Então eu acho que eu nunca

conseguiria torcer contra o Democrata. Independente da situação. Eu não me vejo torcendo contra o Democrata.

Magrão, líder da torcida organizada Pantera Cor-de-Raça, diz:

Sou torcedor do Atlético e do Democrata, mas quando joga Democrata e Atlético, não tem jeito né, a gente tem que torcer pro Democrata. Que a gente é o time da nossa cidade, e o galo também já tem muito título, tem uma história bacana já, um clube já mais antigo, de tradição. Mas o Democrata não tem como a gente torcer contra ele. Realmente o torcedor democratense ele não consegue. Aqui o Esporte Clube Democrata ele é dividido em torcida, não tem como né, cruzeirenses e atleticanos, sempre tem um clube grande que o torcedor do Democrata torce. Mas é muito bonito de se ver, porque, quando o Democrata joga com um desses dois clubes grandes, realmente a maioria dos torcedores que são de coração democratense, eles torcem contra os grandes, porque coloca em primeiro lugar o Democrata.

Letícia, quando questionada sobre um jogo entre o Democrata e o Vasco, time para o qual ela também torce, afirma que torceria pelo Democrata.

Porque é o que está perto, é o que a gente acompanha, né? É o que é da cidade, é o que eu vou no, nos jogos. Eu nunca fui em nenhum jogo do Vasco. Então, eu acho que o Vasco é meio que essa coisa meio de longe assim, pela televisão e tal. Mas o Democrata é mais da cidade. Mais perto, que a gente acompanha mais. Acho que eu vou acabar tendendo para cá mesmo.

Vários são os trechos que abordam essa relação dos torcedores do Democrata com o time e com seus “outros times” do coração. O que fica claro nas falas é a vontade de ver o time da cidade sempre bem classificado. Nesse sentido, os torcedores se propõem até mesmo o “sacrifício” de torcer contra seu time “oficial”, para ver o Democrata com bons resultados. Uma relação de amor ao time e à cidade inexplicáveis.

O pertencimento clubístico caracteriza-se pela gratuidade, motivada pelas emoções, pela paixão e pelas excitações. Esses sentimentos são evidentes nos relatos dos torcedores Magrão, Mateus, Arlei, Letícia e Abraão a seguir.

Olha, ser democratense pra mim é uma alegria, é uma felicidade. É um dia, é um domingo, é um final de semana sem o Democrata estar jogando pra mim é triste, e quando o democrata está jogando, pra mim, é a maior felicidade do mundo. É estar torcendo para o Democrata, viajando nas caravanas, conhecendo outras cidades, outras torcidas. É... Estar ali vibrando, cantando, gritando o nome do Democrata, pra mim é uma felicidade, é uma alegria tremenda. Torcer pro Democrata é 10! É uma coisa bacana e esse clube eu não sei o quê que ele tem, sei que ele tem uma magia, ele tem um negócio que contagia, uma paixão, uma coisa, uma loucura mesmo, muito alucinante e é bom demais torcer pro democrata. (Magrão).

Nossa! Democrata pra mim é tudo! É a mesma coisa de você estar... De estar faltando alguma coisa em sua casa, porque eu, quando tô em casa e vejo na comunidade do Democrata e tá assim: Apresentação de jogador, o dia... O dia que os jogadores vão aparecer, eu fico até de manhã só esperando ver quem é os jogadores, quem é o time que vai ser, quem patrocinou, essas coisas. Fico por dentro de tudo, quero saber de tudo. Sou Democrata sempre! (Mateus).

Eu acho que é a mais presen... Não só presente em quantidade a torcida, mas que tem mais identidade com o time, sabe? Que canta o time, que consegue, por exemplo, quando vem o Atlético ou Cruzeiro aqui, disputar o espaço. Disputa o estádio, fica disputado. A torcida do Democrata faz barulho, perde um pouquinho em quantidade, por que vem gente das outras cidades ver o Cruzeiro e o Atlético, mas o que eu vejo é uma torcida que tem uma identidade com o time. Ir no campo, eu acho que é fundamental. Torcida tem que ir no campo. Eu pelo menos tenho essa leitura, eu acho, cara, tem que estar presente lá, tem que dar uma... Tem que fazer a sua parte mesmo. Ir no campo. É, participar, animado ali no meio da torcida, acho isso fundamental também. E quando puder acompanhar o time, divulgar o time, divulgar, botar camisa, eu tenho camisa, eu uso sempre. É, é, acompanho as notícias do time. É, reclamo, já mandei carta para a assessoria de imprensa, já mandei carta para a diretoria (...) Para mim, o torcer, eu gosto demais de futebol, gosto de torcer, gosto de estádio, né? Quando eu morava em Belo Horizonte, eu ia em praticamente todos os jogos do Atlético. Em todos. No Campeonato Mineiro, inclusive. E aqui, mais ainda. Aqui, é inadmissível, eu troco horário de aula, se bater com horário de, de jogo do Democrata... Eu troco meu horário de aula, gente me substitui aí... (Arlei).

Ah, eu acho que, na verdade, é os, os torcedores, o que leva os torcedores ao campo e ter essa emoção, essa coisa toda de, de torcer e tal. Igual todo mundo fala que é a maior do interior e tal, é a melhor torcida, é a mais empolgada e tal. Você torcer por um time não é só ir no campo, ou ficar sabendo do resultado e tal. Aqui a gente, a gente acha que é torcedora de um time, quando a gente sabe as novidades, quem é o técnico, quem é isso, quem é aquilo, não sei quem... Mas acho que é por essas coisas mesmo de ser torcedor assim, você tem curiosidade de saber o quê que está acontecendo no time, né? Ter esse sentimento pelo time, quando você vê o time jogando, né? Acho que ir no, no estádio, ou até assistir pela televisão. Acho que isso é torcer. É estar acompanhando assim, né, o, o, o... Fazer parte da equipe, acompanhando a, a, a equipe. (Letícia).

Eu já fui no Campeonato de Juniores aqui, como torcedor. Já fui em série B. E olha para você ver. Eu que sou um cara que tenho 18 anos, o único título que eu vi o Democrata conquistar foi o título da série B do Mineiro. Que eu estava no campo. Bicho, não tem emoção igual para o torcedor, entendeu? Sabe, parece que é você que ganhou, que estava lá no campo lutando, entendeu? Então eu acho que isso representa demais para, para nossa torcida. Para mim, raça. Entendeu? Onde, eu vejo muito no, no, lá na metálica, que é onde eu frequento, onde todo mundo se iguala, perante a esse objetivo de vamos lutar junto, vamos empurrar junto para o time conquistar a vitória. Então, ali acaba, ali não tem diferença de classe, não tem diferença de cor, não tem nada. E é isso que me impressiona, e é isso que me apaixona pelo Democrata, entendeu? (Abraão).

Como podemos perceber nas falas, o futebol produz um espetáculo complexo, dirigido e administrado por regras que todos conhecem, e possibilita aos torcedores a experiência da vitória e do êxito com seus times, experiência essa que muitos não podem experimentar em suas vidas, dentro do sistema hierarquizado e concentrador de riquezas do Brasil (DAMATTA 2006 e 1994).

Damo (2008) pondera sobre a questão da “aula de democracia” que o futebol possibilita, enfatizando que, como na briga de galo em Bali, apontada por Geertz (1989), o futebol não altera a posição social, muito menos a condição de classe dos torcedores. O que esse esporte faz muito bem é dramatizá-las, permitindo que todos participem do êxito

da vitória, e mais do que isso, assegura-lhes o direito de se manifestarem publicamente, de expressarem seus sentimentos, de serem vistos, ouvidos e notados.

As falas dos entrevistados demonstram o envolvimento e o sentimento dos torcedores pelo Democrata, algo que não se restringe à esfera do jogo em si, mas dramatiza a própria condição humana. Os torcedores podem experimentar a vitória junto ao time, sentindo a sua participação no estádio como torcida, plateia que sofre e se dá sem reservas ao seu “clube de heróis” (DAMATTA, 1982 e 1994). O time se torna uma extensão desses torcedores, que se arriscam na experiência do inesperado e das emoções provocadas por toda a dinâmica do futebol na cidade.

Esse sentimento de pertença das pessoas pelo clube é algo orgânico que passeia pelas trajetórias e tradição das pessoas com o time. Tal relação é provinda de vínculos por vezes familiares, espaço onde essas histórias podem ser perpetuadas e revividas. É comum inclusive a presença de famílias nos jogos. Uma característica muito comum na cidade. A instituição “família” carrega a responsabilidade pela continuidade. Ao propor a escolha dos filhos na educação para vida, os pais buscam conduzir, a partir de suas experiências vividas, concepção de mundo e sociedade, o que acreditam que seja melhor para o caminho desse filho. Assim se dá a escolha da profissão, religião, o clube³⁴ para o qual torce e outras escolhas (SILVA, 2001). O torcedor Abraão fala-nos a respeito dessas características.

O Democrata tem, sei lá, setenta e tantos anos de história. E essa história vai sendo passada de pai para filho, de avô para neto. Então, por mais que em algumas famílias haja uma falha, por exemplo, o avô gostava muito, o pai já não mexe, mas o neto vai receber isso aí, ou o filho desse neto. Então, isso aí aqui em Valadares vai sendo passado para frente e o pessoal continua mantendo viva essa chama. Então, isso que eu acho importante aqui. É, aí a torcida acaba ficando aquela coisa, é, emocionada, da raça, do sofrimento. Isso eu vejo muito na torcida do Democrata. Vamos torcer que é difícil, não sei o quê, não tem dinheiro, o cara joga aqui, o cara ganha 700 reais, não tem porra nenhuma. Vamos lutar por ele, não sei o quê, o negócio da garra, da pantera. Eu acho que tem muita relação isso aí.

A respeito da paixão que mobiliza a cidade, Abraão ainda acrescenta:

Eu vou no primeiro, vou no segundo, vou no terceiro, vou no quarto jogo, no quinto. Quando o time começa a dar aquela levantada na cabeça, aí minha irmã: “Você vai no campo? Vamos, vão comigo e tal. Vou lá chamar as meninas para ir”. Então, tem esse tipo também, mas eu acho que a cidade toda fica movimentada. Não sei se eu, se eu, se essa leitura que eu faço é só aqui em casa, mas minha mãe é um bom exemplo disso. Ela não vai no campo. Se a gente estiver vendo

³⁴ Ou poderíamos afirmar que no caso em questão, muitas pessoas escolhem “os clubes do coração” e não apenas “o clube do coração”.

futebol, ela senta do lado, mas não acompanha. Mas sempre que eu volto, ela tem a curiosidade de perguntar: “E aí, quanto é que ficou lá?”. “Nó mãe, 1 x 0 para o Social”. “Como é que ficou a situação do Democrata?”. “Está bem, não está? Está caindo?”. “Não. Não, manteve mãe, a gente podia perder essa”. “Ah, ok então, meu filho. Tudo bem”. Então, a cidade fica nesse rumor, de como que está o Democrata. Talvez e, com certeza, a grande maioria das pessoas não vai ao campo. A grande minoria, lá cabe sei lá, cinco, seis mil pessoas. Mas o resto da cidade fica ali movimentada por esse, por esse evento que é o Democrata estar participando de uma competição.

A paixão dos torcedores pelo time é expressa ainda como um desejo pessoal de ver o time representando bem a torcida democratense. Desejo tão pessoal que, por vezes, os adeptos buscam incentivo em iniciativas particulares, para conseguir verbas e melhores condições para o clube. Um exemplo é o que acontece já há alguns anos no campo “Mamudão”. O campo é dividido em quatro setores de arquibancadas: duas arquibancadas de cimento, um setor de cadeiras e uma arquibancada que é chamada de “metálica”. Esse último setor é uma arquibancada formada por estruturas metálicas, onde placas de madeira são colocadas para os torcedores se sentarem.

Há vários anos, quando o time passa pela primeira fase do Campeonato Mineiro, essa arquibancada é vetada pelo Corpo de Bombeiros e Órgãos de Segurança da cidade, pela falta de segurança e o risco a que os torcedores se expõem. Assim o Democrata tem que jogar seus jogos fora de casa, fora da cidade e longe do “Mamudão”. Geralmente os jogos acontecem em Ipatinga ou Belo Horizonte. Matias, líder da torcida organizada Jovem garra, afirmou que, no ano de 2010, buscou o apoio de alguns comerciantes e conseguiu sacos de cimento, ferragens, brita e outros materiais, para ajudar o time a construir uma arquibancada, para que a torcida pudesse acompanhar os jogos na cidade. O torcedor ainda deixa clara sua paixão pelo time.

É paixão, né? Pelo clube, aquilo que você acompanha desde pequeno, você acaba criando um vínculo. Eu acredito, eu, se eu fosse uma pessoa numa situação financeira boa, se eu ganhasse um prêmio mirabolante na loteria, eu ajudaria o Democrata. Eu faria o time e eu bancava o time. Já vi uns jogos aqui pertinho, aqui, Ipatinga aí na série A do Brasileiro, dava umas 500, 700 pessoas, enquanto aqui, Campeonato Mineiro de Junior, aqui a gente botava 4, 5 mil pessoas. Campeonato de Junior aqui a gente botava mais gente do que muito time aí da série A do Campeonato Brasileiro.

É perceptível que, para além de um sentimento de pertença à cidade, os torcedores também são mobilizados pelo sentimento de paixão e pertencimento ao próprio clube, por vezes sem explicações aparentes. O pertencimento clubístico está

ligado à história dos torcedores com o time e com as experiências vividas ao longo dos anos. A partir das observações e análises empreendidas neste trabalho, é possível afirmar que o pertencimento clubístico do democratense se distingue do pertencimento clubístico abordado em outros estudos, relativos a outros clubes. A principal diferença reside no fato de vários torcedores democratenses serem torcedores também de outros times, principalmente os da capital mineira, Cruzeiro e Atlético, mas nem por isso deixarem de manifestar a gratuidade de sentimentos e o pertencimento ao Democrata. Além disso, como apontamos anteriormente, o pertencimento clubístico apresentado nas pesquisas resenhadas é definido por rivalidades engendradas ao longo do tempo, em confrontos com times que se tornam rivais históricos na tradição dos clubes. Isso não acontece com o Democrata desde a década de 1960, quando o time ainda rivalizava com um clube de fábrica da cidade, o Clube Atlético Pastoral.

Essas particularidades distinguem o pertencimento clubístico do simples ato de torcer pelo time. Este último relaciona-se com o pertencimento à cidade, por meio de vínculos orgânicos com o local, que se estendem ao time da cidade, sendo este um “símbolo” para os torcedores. O pertencimento clubístico se constitui como uma relação mais estreita, em que os torcedores cultivam e despendem ao time uma paixão gratuita, motivada e expressa em atitudes que transcendem o próprio futebol.

Há ainda outro fator motivador do torcer: a relação com lazer e o divertimento. Esse aspecto mostrou-se muito presente nas entrevistas e percepções da pesquisa. Boa parte dos informantes afirma que os jogos de futebol na cidade apresentam-se como um importante espaço de encontro, lazer e socialização. A próxima seção se dedica aos desdobramentos relativos a este fator.

5 O LAZER, A DIVERSÃO E A FESTA DA TORCIDA VALADARENSE

Como parte integrante da cultura, que estabelece relações de múltiplas formas com a sociedade, o lazer mostra-se em diálogo com diversas esferas sociais. Compreendido como uma dimensão da cultura, socialmente construída, ele acontece a partir de vivências lúdicas de expressões culturais num tempo e num espaço conquistados, estabelecendo relações contraditórias com as necessidades, deveres e obrigações, principalmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004).

O lazer pode ser compreendido como uma prática social e cultural, como possibilidade de produção de cultura dos sujeitos por meio das vivências em seus diferentes conteúdos relacionados ao tempo, ao espaço, às manifestações culturais e à atitude. Nessa perspectiva, o tempo do lazer não se restringe aos períodos institucionalizados (férias, fins de semana, feriados); e o espaço do lazer é mais que o espaço físico, construção dos indivíduos para o encontro e o convívio social. As Manifestações culturais são os conteúdos³⁵ vivenciados como fruição da cultura; e a atitude pode ser “entendida como expressão humana de significados da/na cultura, referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade” (GOMES, 2004, p. 124).

Marcellino (2007 e 2008) aponta que o lazer é a cultura entendida em seu sentido mais amplo, experimentada e construída no “tempo disponível”, e como traço definidor traz o caráter “desinteressado” dessa vivência, em que não se busca, pelo menos inicialmente, nada além da recompensa e da satisfação causadas, da sensação de liberdade e prazer.

Dentro das vastas possibilidades de vivência e fruição no lazer, em nosso país, o futebol se apresenta como uma prática difundida. Na sociedade brasileira, o futebol é um referencial de lazer e oferece diferentes condições de fruição: jogar, assistir, torcer. Esse

³⁵ Em relação a esses conteúdos ou aos interesses que os indivíduos têm ao optar por alguma prática do lazer, Dumazedier (1980) enumera cinco interesses centrais em sua classificação: físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais. Tais interesses se diferenciam de maneira geral por suas características fundamentais. Como o prazer de movimentar-se ou apreciar e assistir a movimentação corpórea nos interesses físicos; a experiência estética e a expressão das artes em suas diferentes formas: cinema, dança, música, dentre outras, nos interesses artísticos; a manipulação de objetos e produtos nos interesses manuais; o exercício no ato de raciocinar nos interesses intelectuais e a busca do encontro entre as pessoas e a frequência na participação em espaços de convivência nos interesses sociais. Os interesses turísticos, que têm como características o conhecimento de outras localidades ou o reconhecimento do próprio espaço onde se vive, podem ser considerados também outra possibilidade dentro das experiências do lazer (CAMARGO, 1979). Além do “interesse virtual” que vem sendo debatido na atualidade, principalmente pelo uso constante da internet, não só como um instrumento de trabalho, mas também como um universo absurdamente “frequentado” em busca de lazer, evidenciando sua importância, como enfatiza Schwartz (2004), inclusive na educação para o lazer.

esporte se apresenta como um rico veículo de interação na sociedade. Está presente nas vidas de milhões de pessoas, independentemente da raça, sexo ou idade. Crianças, adultos, idosos, homens e mulheres se envolvem, de diferentes maneiras, com o esporte, no consumo das mercadorias ligadas ao espetáculo esportivo, na troca de valores e normas sociais e também na rede de sociabilidade que se cria a partir da relação das pessoas com o “jogo”.

Gomes & Faria (2005) afirmam que se multiplicam as maneiras de jogar futebol (clássicos no estádio, peladas nas ruas) bem como as maneiras de engajamento nessa prática (como jogador, torcedor, leitor, dentre outras possibilidades). Segundo as autoras, o futebol se insere

nos diversos espaços sociais, mesclando práticas de consumo, de compensação social (transmitindo valores e normas sociais) e de persuasão, de contestação, de desordem / ordem, de conflitos e, também, de vivência lúdica, no âmbito da festa, do encontro etc. Como prática que participa do jogo mais amplo das relações sociais, ao mesmo tempo em que revela aspectos da sociedade brasileira, o futebol comporta tensões, conflitos, redes de sociabilidade e significados que vão além da bola no pé (GOMES & FARIA, 2005, p.71).

Em Governador Valadares, torcer pelo Democrata se constitui como uma concorrida manifestação do lazer. Em períodos de jogos, a cidade se põe em “festa”³⁶. Os jogos tornam-se momentos privilegiados para encontros, conversas e para o desenvolvimento de vínculos de sociabilidade. A participação do time em campeonatos gera eventos na cidade a partir da realização dos jogos. O torcedor Abraão expressa da seguinte maneira sua percepção sobre essa relação “futebol-lazer” na cidade:

Eu acho que o jogo acaba sendo um evento. Ele se torna, durante esses quatro meses, ele vira uma rotina. “Olha, hoje não vai dá não, por que hoje tem jogo”. Aí, nós vamos no campo e tal. “Vamos marcar, vamos tomar uma depois do jogo. Vamos tomar uma antes. Vamos encontrar para ir no jogo”. Entendeu? Isso eu vejo muito. Principalmente entre o pessoal da minha idade. Talvez o cara, eu tenho uns dois ou três amigos, conhecidos assim: o cara não sabe porra nenhuma de futebol, não sabe o nome nem do técnico do Democrata, mas você chama e ele vai. “Ah, vou lá, dar uma moral para a rapaziada”. Aí vai no campo. Então, cria ali um evento marcado, entendeu? Isso fica fácil, porque a tabela do, de qualquer campeonato, todo jogo está pré-determinado já. Todo mundo sabe. Ou é quarta à noite...

³⁶ Não é foco específico deste trabalho discutir questões acerca da festa, como categoria de análise. Compartilho a concepção presente em Rosa (2002), em que a festa é uma manifestação cultural e um espaço de vivência do lazer. Por meio dela, é possível compreender o que há de transgressão, de reinvenção do cotidiano, o que transcende ao controle social e se abre para o florescimento do desejo. Para uma maior compreensão do termo, ver Rosa (2002).

Arlei também fala:

Eu, que sou professor e lido muito com adolescentes, meus alunos (me matam), dia de jogo do Democrata é, todo mundo marcando de encontrar lá e tal. Encontram centenas lá... É um evento...

Letícia acrescenta:

Eu acho que, por exemplo, para, para mim, assim, quando você programa ir ao campo, né, você combina, você, é um lugar aonde você vai encontrar outros amigos. Depois dali, você vai sair para comer alguma coisa, né? Para sentar para conversar sobre o jogo. Então, é um momento que você tem de você também estar divertindo, né? Você está ali distraído, você vai ter, tem um, um... Você vai com os seus amigos, vai encontrar com eles, então tem um significado dessa, dessa coisa de um evento mesmo, de um programa, né? É como se você combinasse de fazer uma, um encontro, uma festa, de você combinar um almoço em família, você também vai no campo. É um momento, né, que você preparou para aquilo ali, e isso remete várias outras coisas, né? Você vai estar com os seus amigos, você vai estar conversando e compartilhando ideias com eles. Então, você diverte através disso aí, né? É um momento de diversão eu acho... Como se fosse um evento mesmo que tivesse na cidade. Então, é... Acho que é meio assim mesmo. É engraçado, porque, por exemplo, algumas amigas vão porque gostam de futebol, outras vão porque está todo mundo indo, né?

Os jogos possibilitam momentos de lazer e diversão desdobrados em diversas práticas na cidade. Além de momento do jogo propriamente, o futebol se torna uma “justificativa” para outras práticas de lazer, como as conversas de boteco antes e depois dos jogos, os passeios pelas praças, os encontros nas casas de amigos e nas ruas da cidade. Como se percebe nas falas dos informantes, muitas pessoas vão aos jogos por gostarem de futebol, outras, pelos simples fato de estarem na companhia de amigos e pela fruição do momento.

Outro ponto que merece destaque é a diversidade do público que frequenta os jogos. Como já discutimos, é comum a frequência de famílias nas partidas. Pais levando seus filhos, tios com sobrinhos e avôs com seus netos. A participação de mulheres, crianças e idosos é constante no “Mamudão”. Abraão fala-nos também acerca dessas experiências:

Eu acho que o, o campo aqui é o local onde você encontra velhos democratenses, atuais democratenses e futuros. Eu vejo muito isso. Às vezes, eu vou no campo, eu cumprimento muito amigo do meu pai, velho de 50, 60, 70 anos que acompanha o Democrata ali há 40, 50 anos. Eu vejo muita gente da minha idade e vejo criança. O pai com a criança. E eu acho também que ele, o Democrata e esse evento que é a participação dele em competições, dentro das famílias, ele gera

uma união e uma participação maior. Então eu vejo coisa, dificilmente eu vejo um amigo meu sair com o pai dele. “Pai, eu vou ali tomar uma cerveja”. Dificilmente eu vejo. No campo eu vejo constantemente. Pais de 40, 50 anos com filhos de 18, 19, 20, que normalmente são a época que você está chocando a ideia, que você não sai com o seu pai, está brigado com ele, mas no campo gera isso.

Ressalto a semelhança dessas colocações com os dados apresentados por Rigo et al. (2010) para a cidade de Pelotas / RS. Como discutido na seção anterior, os autores investigaram o futebol de várzea pelotense, acompanhando os dois maiores campeonatos amadores de futebol da cidade. O público que participa do futebol de várzea pelotense é bastante diverso, predominando indivíduos pertencentes às classes populares (baixa e média-baixa), com uma significativa diferença quanto ao sexo, idade, etnias e interesses que os levam aos campos. Como enfatizam os autores, os campos de futebol de várzea funcionam como um palco para o lazer e a sociabilidade, que aglutina vários torcedores, jogadores e outras pessoas. Nos dois campeonatos, observava-se que muitas pessoas levam cadeiras, lanches, bebidas e o tradicional chimarrão para os arredores do campo, para acompanharem os jogos.

Essas práticas “interioranas” também são marcantes em dias de jogos do Democrata. O torcedor Abel ressalta que gosta do campo, do local onde encontra os amigos:

Ir ao campo é gostoso de ir ali, aquele gramado é muito bonito! O campo é gostoso e... O prazer de torcer pelo time e de tá no Democrata lá e, porque gosto de futebol, meus amigos, todo mundo ali. É quase uma família de torcedores então... Às vezes, quando é à noite e tá um pouco frio, a gente leva uma pinguinha e esquentar também (risos)... Democrata pra mim é... Eu sou cruzeirense de paixão, mas se o Cruzeiro vem jogar aqui, é Democrata na mesma, num quero nem saber não.

Para além de um espaço físico, o campo e seus arredores servem como um espaço para o encontro, as trocas, a transmissão de valores, as histórias e as memórias. Assim, concebe-se um local em que tradições são criadas, desconstruídas e negociadas; um cenário composto por várias gerações de torcedores, onde o espaço físico é poetizado e transfigurado, trazendo à luz um palco em que se encontram diferentes atores e artistas a doarem uma parte de si para que o “jogo” aconteça.

Esse “jogo” permanente entre gerações na cidade perdura entre os diversos anos de participação do Democrata em campeonatos. Negociações coletivas em um “espaço de lazer” que fazem com que permanências, reproduções, trocas e transposições também elaborem significados do torcer pelo time. Coletividade essa, entendida como “um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (Mayol, 2009, p. 47).

Ir até o “evento” do jogo na cidade é sempre uma intenção aleatória, mas carrega consigo a certeza do encontro. Nada permite dizer de antemão como será aquela experiência de lançar-se às incertezas do que se encontrará e do que se espera. Todavia é isso que motiva, transgride e produz significados elaborados dentro da singularidade do torcer pelo time.

Outro ponto interessante dentro dos aspectos que envolvem esse torcer pelo time como referencial de lazer na cidade se relaciona às emoções vividas nesse processo. O estádio torna-se um local para a exteriorização e o extravasamento de sentimentos. Algumas características são perceptíveis quando os sujeitos se dispõem e se entregam ao “praticar o torcer”, aspectos esses ligados à busca pelo deleite, pela entrega livre e “desinteressada”, a busca pelo prazer, a busca pela satisfação, e assim, “a busca da excitação”.

Elias & Dunning (1992) afirmam que, numa sociedade em que as inclinações para as excitações sérias e de padrão ameaçador diminuíram, a função da excitação-jogo aumentou. A excitação-jogo seria aquela que procuramos voluntariamente; uma excitação agradável que, dentro de certas delimitações, pode ser desfrutada com consentimento social e da nossa própria consciência. “A nossa sociedade satisfaz a necessidade de se experimentar em público a explosão de fortes emoções, um tipo de excitação que não perturba e nem coloca em risco a relativa ordem da vida social” (p.112).

O futebol preserva a dimensão de uma incerteza que propaga o drama e a excitação que “pagamos para ver”. O universo do esporte nasceu de uma série de atividades festivas e não rotineiras que se opunham às obrigações do trabalho. “Se o trabalho obriga, a festa inventa a escolha. Se o trabalho tem como objetivo a racionalidade que protege, garante e sustenta, o ritual exagera (como as procissões) e subverte (como o carnaval)” (DAMATTA, 2006, p. 60).

Sem a arte, o vinho, a música, os esportes e os jogos, os homens não sobreviveriam. Poder praticar o que não é objetivo, nem produtivo, ou muito menos necessário, como o jogo e o ritual, é o que nos torna verdadeiramente humanos (DAMATTA, 2006).

Diante disso, é possível perceber que os jogos do Democrata tornam-se importantes momentos para a vivência do lazer na cidade, marcados por manifestações festivas a que os sujeitos se entregam de livre escolha para sua vivência e fruição. Entendendo assim o lazer como um campo de atividade em estreita relação com o cotidiano e as necessidades humanas e suas diversas áreas de atuação. Ligado a esse contexto das pessoas, não se dissocia das áreas de atuação do homem; não se pode deixar de considerar, portanto, que no lazer também estão presentes as pressões e os processos de alienação que ocorrem em quaisquer dessas áreas de inserção do homem (MARCELLINO, 2006).

O direito ao lazer foi gerado a partir de tensões entre as demandas das classes trabalhadoras dos séculos XIX e XX e o sistema vigente. A luta por melhores condições de trabalho, remuneração e qualidade de vida foram essenciais para que o lazer tenha se tornado um direito constitucional, pensado a partir de um conjunto de medidas políticas necessárias para a melhoria da qualidade de vida de todos (PINTO, 2006), (WERNECK, 2000), (BRAMANTE, 2004), (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003).

Por mais que se promovam medidas políticas para buscar dar a todos o acesso ao lazer, muitas são as barreiras enfrentadas para sua fruição. O fator econômico é determinante, desde a distribuição do tempo disponível até as oportunidades de acesso à escola e à educação para o lazer. Esse fator contribui assim para uma apropriação desigual do lazer. As diferenças de gênero também se apresentam como uma dessas barreiras, pois, ainda hoje, as mulheres são desfavorecidas em relação aos homens, na rotina do trabalho doméstico, pela dupla jornada de trabalho e acesso aos equipamentos de lazer. Ainda as diferenças etárias são relevantes, pois crianças e idosos são desfavorecidos e “esquecidos” pela pouca oferta de atividades para esses públicos (MARCELLINO, 2006 e 2008).

O torcer pelo Democrata, como uma manifestação do lazer em Valadares, apresenta-se como uma possibilidade “democrática”, no sentido primevo da palavra, de rompimento das barreiras enfrentadas para o acesso ao lazer. Como discutimos, o

espaço do jogo é um local frequentado por crianças, mulheres e idosos. A presença de famílias é marcante. O preço dos ingressos, na maioria das vezes, são preços populares, e assim o acesso é viabilizado para todos que queiram participar.

Um dos principais problemas enfrentados pelos torcedores nas grandes cidades, para acompanhar as partidas de seus times, é o preço dos ingressos. Destaco a cidade de São Paulo, em que, no último ano, ingressos para acompanhar uma partida de futebol chegavam a custar R\$ 80,00³⁷, o que resultou, em muitos jogos, em estádio vazio. Muitos torcedores que acompanham os jogos durante décadas se veem impedidos de participar do espetáculo esportivo por questões relacionadas às barreiras econômicas.

Outro problema enfrentado nas grandes capitais são os horários dos jogos. Para atender a interesses econômicos, os jogos muitas vezes são realizados após os horários das telenovelas, o que torna inviável a presença do torcedor que precisaria se deslocar do estádio até sua casa, para enfrentar a rotina de trabalho na manhã seguinte.

Os clubes se tornaram grandes empresas e tendem a transformar o espetáculo esportivo em um grande evento de consumo de mercadorias pela população. A paixão clubística foi convertida em “capital econômico”. Uma elite particular de dirigentes e empresários tem se reproduzido, justificando-se politicamente e beneficiando-se economicamente a partir dos clubes de futebol (DAMO, 2007).

Esses quadros nos mostram que, apesar de o lazer ser um direito social e haver uma constante busca por sua consolidação como política pública, ainda são muitas as barreiras enfrentadas. A prática do lazer por meio do torcer por times de futebol revela bem essa situação, mostrando as dificuldades para o acesso e a fruição do lazer, decorrentes das desigualdades econômicas.

Mesmo o futebol sendo um referencial de lazer no Brasil, um fenômeno que mobiliza milhões de pessoas, ainda são insuficientes as políticas públicas efetivas que atendam a esse público.³⁸ Por vezes os torcedores são tratados com desrespeito, como meros consumidores.

³⁷ Essas questões foram debatidas no I Simpósio de Futebol, realizado na USP-SP, em parceria com a PUC/SP em março de 2010. Muitas pessoas expressavam a indignação com o preço dos ingressos, motivo que as impedia de ir aos jogos.

³⁸ Cito a existência do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), que estabelece normas de proteção e defesa do torcedor, mas ainda é pouco efetivo no que diz respeito ao cumprimento dessas normas. Nos trabalhos de Nicácio et.al. (2009) e Campos et.al. (2008), verificaram-se os conhecimentos dos torcedores de futebol

Tais questões foram levantadas nesse momento do trabalho para ajudar compreender os significados do torcer por um time em que outras relações no lazer dos torcedores são elaboradas e configuradas na produção dos significados do torcer. Como dito, tais problemas não são perceptíveis numa dinâmica espacial menor, no torcer pelo Democrata no interior. Não querendo comparar tais relações com dinâmicas de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, dentre outras. Pois isso só seria possível se tivéssemos as mesmas condições para todas as cidades, e então seria possível afirmar se essas relações são “democratizadas” em algum contexto ou não.

O que chamo atenção é para percebermos que outras características são percebidas e outras relações são criadas nesse torcer pelo Democrata, no desejo de suscitar o entendimento que, perceber o futebol e o lazer como elementos culturais sugere em reconhecer que eles refletem a trama da sociedade em contextos específicos em que são analisados, sejam esses referentes à “macro” ou a “micro” histórias.

Compreender o lazer como uma dimensão da cultura implica em perceber que ele não tem um formato fechado. Participa da complexa organização social em que suas manifestações e a vivência de seus “interesses culturais” não se dão em um “espaço”/momento desconectado de um contexto social mais amplo. Como uma manifestação de nossa cultura, revela as contradições e tensões nela existentes. O que não insinua dizer que o futebol na cidade seria uma “válvula de escape” para as pessoas, “ópio do povo”.

Não é possível negar que o lazer pode servir como aliviador das tensões cotidianas, com uma valorização do produto e não do processo de vivências e experiências que lhe dão origem. Como é produto e produtor da cultura, é marcado por desigualdades e por normas sociais mais amplas, que permitam compreendê-lo como equilibrador das tensões sociais e como mecanismo de reprodução cultural (MARCELLINO, 1996), (GOMES E FARIAS, 2005).

da cidade de Belo Horizonte, no Campeonato Brasileiro da série A, quanto às determinações do EDT, a relação estabelecida entre seus anseios e as normas estabelecidas pelo estatuto. Verificou-se também de que maneira ocorre o cumprimento das determinações do EDT, se de fato elas ocorrem. Foi constatado que os torcedores em geral sabem da existência do EDT, entretanto têm um conhecimento superficial e incipiente sobre o documento. Acreditam também que, quando o estatuto entrou em vigor, aconteceram melhorias nas condições e na “estrutura” das torcidas nos estádios. Nos jogos pesquisados, ocorreram oscilações entre determinações do EDT cumpridas e não cumpridas. Vale citar também a criação da Associação Nacional dos Torcedores (ANT) em 2010, iniciativa dos torcedores para lutar por direitos à participação e ao acesso aos jogos de futebol. Para maiores informações, acessar <http://www.torcedores.org/>. (Acesso em 09/02/2011)

Entretanto para além de “mero consumismo” e “alienação” o torcer como uma manifestação do lazer das pessoas na cidade apresenta-se como uma complexa estrutura social de significados que se dá dentro de um contexto e processo histórico específico, assim possuem sentidos e significados que transcendem a idéia da mera instrumentalização (BRACHT, 1997).

Ao observar as regras estabelecidas no uso do “tempo livre” por meio dessa manifestação do lazer na cidade, é possível verificar que sua dinâmica vai muito além da mera necessidade de reposição das forças gastas no trabalho produtivo. Trata-se de uma prática que se configura como uma oportunidade, através de antigas e novas formas de entretenimento e de encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade. Assim as práticas de lazer em geral e no caso tratando do torcer pelo Democrata, não podem ser consideradas apenas por seu lado “instrumental, passivo e individualizado”. Nos permite verificar a existência de um estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo, que envolve amigos, colegas e “chegados” (MAGNANI, 1996).

Cada sujeito imprime suas marcas àquilo que os outros lhe dão para viver e pensar. “Toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais, um intercâmbio instaurado em um grupo social” (CERTEAU, 1995, p. 10). Mergulhar no cotidiano da cidade, nos quatro meses de participação do Democrata no Campeonato Mineiro, e pensar esse cotidiano expandido para um “cotidiano das emoções” revela que o ato de torcer pelo Democrata perdura entre as histórias das pessoas e se projeta numa riqueza de práticas, de múltiplas possibilidades de trocas, de reconstruções e produções de significados daquilo que, superficialmente, pode se apresentar como o mero ato de torcer por um time.

Tais práticas envolvem construção de identidade, redes de sociabilidade de crenças e valores comuns, hábitos compartilhados, sentidos de pertencimento, heterogeneidade de usos, que, longe de estarem isentas das contradições socioculturais, participam dessa trama a partir de um diálogo tenso. São marcadas pelas regras de reprodução do consumo, da competição, do individualismo, mas marcam o mundo social com lógicas avessas a tais regras (cooperação, ludicidade, criação, produção) (GOMES & FARIA, 2005, p. 72).

Diante disso, é possível perceber que no torcer pelo Democrata como manifestação do lazer coexistem lógicas diferentes em uma mesma prática. Podem ser observados elementos de cooperação, competição, solidariedade, individualismo,

conformismo, resistência, produções, reproduções, desconstruções, dentre outras possibilidades. Ao passo que aderir-se a essa prática de lazer na cidade é lançar-se em um complexo cenário que se dá em “diálogos tensos” onde os significados desse torcer também são produzidos.

Para além do pertencimento à cidade e do pertencimento clubístico, a relação com o lazer apresenta-se como uma forte característica na configuração dos significados do torcer pelo Democrata. Adeptos aos momentos de “festa”, do divertimento e ao “clima da cidade”, os torcedores enfatizam o prazer e a alegria de torcer pelo time. Encontrar com os amigos, parentes, levar os filhos ao estádio, estabelecer vínculos de sociabilidade são expressões recorrentes, quando tratamos dos significados do torcer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto dentro das análises que buscaram compreender as configurações dos significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata na cidade de Governador Valadares, seria demasiadamente pretensioso afirmar que cheguei a uma *verdade*. Diante de descobertas, desconstruções e alguns desencontros, foi possível perceber, em meio à complexidade de elementos, que por vezes estavam “invisíveis” no palco em que o “jogo” acontece na cidade, alguns apontamentos para responder às perguntas propostas no trabalho.

A relação dos torcedores com a cidade dentro dos aspectos que envolvem os significados de torcer pelo time é uma das significativas considerações a ser demarcada pela investigação. Torcer pelo time implica em “torcer pela cidade”. Tornar-se democratense é antes de tudo ser valadarensense e valorizar as coisas que existem na cidade. Uma relação de pertencimento que articula-se de maneira tão “amalgama” que chega a parecer “óbvia” para os torcedores. Ser democratense é ser valadarensense. Falar da relação dos torcedores com o time e contar a história de suas próprias vidas na cidade.

A cidade é um elemento preponderante na produção desses significados do torcer. Essa relação de pertencimento está diretamente relacionada com a relação que os torcedores estabeleceram acompanhando o time. Alguns torcedores não nasceram na cidade, se mudaram para Valadares ainda crianças e começaram a acompanhar os jogos do time, momentos, histórias e a partir daí tornaram-se torcedores do Democrata. Ser torcedor é acompanhar a vida do clube. Ir aos jogos, conhecer o cotidiano do clube, acompanhar notícias, reportagens e participar dos momentos construídos ao longo dos anos.

Torcer pelo Democrata sugere, portanto, ser torcedor daquilo que existe na cidade. Gostar das coisas que acompanham desde criança; é perceber como as histórias e momentos do clube se cruzam com as histórias e momentos de suas próprias vidas. Lembranças de idas ao estádio com parentes e amigos; situações que se desdobram para além do dia dos jogos; na escola, intervalo de aulas regados a brincadeiras e ocasiões que aconteceram “no jogo de ontem à noite”; o compartilhar de momentos vividos pelo avô, o pai e os amigos; a primeira vez que a mãe foi ao estádio; a entrada do

filho mais novo com os jogadores no campo; a resenha no “gauchão³⁹” antes e após os jogos; lembranças do amigo que jogava no time, dentre outras diversas práticas que tecidas entre décadas caracterizam a produção dos significados do torcer pelo Democrata.

Outra característica presente na produção dos significados do torcer, são os aspectos relacionados ao pertencimento clubístico. A paixão pelo clube a partir de uma relação de gratuidade de sentimentos, expressa de diversas maneiras pelos torcedores, por vezes, sem muitas explicações. Os torcedores gostam, porque acompanham, porque se sentem participantes do time e estabelecem uma relação de identidade com o clube.

Os torcedores do Democrata apresentam características específicas, quanto ao pertencimento clubístico, se comparados a torcidas investigadas em outros trabalhos, em que a presença de um grande rival é fundamental para desenvolver o sentimento de pertença. Nesse sentido, pertencer a um clube é antes de tudo não compartilhar de elementos e significados do outro clube rival. Mais do que isso, é ser um antirival. Para o caso específico do Democrata, o pertencimento clubístico se dá a partir de outros parâmetros, uma vez que o time não possui um adversário com quem construiu uma rivalidade história. Assim, a pertença se dá pelas trajetórias dos torcedores com o time e pelas experiências vividas ao longo dos anos.

Muitos torcedores inclusive torcem por outros times além do Democrata. Dos 14 torcedores entrevistados, apenas dois afirmam ser torcedores somente do Democrata, mas mesmo assim “simpatizam” por outros times. A concorrência maior fica entre os clubes da capital mineira, Cruzeiro e Atlético, mas há também os que torcem por clubes do Rio, como o Flamengo e o Vasco.

Esse “coração dividido” também é um aspecto marcante entre os torcedores do Democrata, o que não diminui a paixão pelo time valadarense e o sentimento de pertencimento clubístico. Tanto que, no caso de confrontos diretos, a maioria dos torcedores afirma que torce pelo Democrata. O time faz parte de suas vidas. Os significados desse torcer estão intimamente ligados ao que os torcedores viveram e vivem junto ao clube.

³⁹ Na cidade existe o “Gauchão do Democrata”, um local de lanches em frente ao estádio do time onde muitas pessoas se encontram antes ou depois dos jogos para conversas, expectativas e brincadeiras acerca dos jogos e do time.

Aparece também de forma recorrente nas análises empreendidas a relação que os torcedores estabelecem com o lazer, na produção dos significados do torcer pelo Democrata. Os torcedores associam o torcer a momentos de divertimento e festa na cidade. Os jogos tornaram-se um momento de sociabilidade, que possibilita diversos desdobramentos para além do futebol e o jogo em si. Os significados do torcer também se relacionam a associações que os torcedores fazem com esse momento de lazer, dizendo que torcem pelo Democrata, porque gostam da festa da torcida; porque gostam de ir ao estádio encontrar com amigos nas “resenhas” e de fazer novas amizades.

Torcer pelo time apresenta-se como uma possibilidade do encontro. Encontro de gerações, de emoções e de alegrias compartilhadas entre trajetórias. Encontro de pais com filhos, parentes, amigos, que muitas vezes nem moram na cidade. Os jogos do Democrata tornam-se importantes momentos para a vivência do lazer, marcados por manifestações festivas, em um cenário para a diversão e a sociabilidade, que influenciam a produção dos significados do torcer pelo time.

Por fim, foi possível perceber que as configurações dos significados do torcer pelo Democrata acontecem em um contexto de relações e negociações complexas. O pertencimento à cidade, o pertencimento clubístico e as relações com o lazer se fazem presentes em um emaranhado de situações, momentos, histórias que se cruzam ao longo de décadas e gerações e resultam nos significados de torcer pelo time. A cidade concentra e multiplica toda essa complexidade (MAGNANI, 1996). Uma torcida não seria, portanto, apenas um grupo de pessoas que escolheu um time para torcer. “O torcer por um clube contém especificidades que são relíquias da história cultural do homem, da torcida, do clube e da cidade” (SILVA, 2001, p.32).

Dentro dessa dinâmica, foi possível perceber que, mesmo delimitando características específicas relacionadas ao pertencimento à cidade, ao pertencimento clubístico e ao lazer, afirmar categoricamente a fragmentação entre esses elementos não seria sensato. A organização e a sistematização dos dados foram feitas no intuito de auxiliar a compreensão das dinâmicas complexas, na produção dos significados do torcer pelo time. Todavia tais elementos interagem e se fundem em meio às relações estabelecidas pelos os torcedores com o clube.

A partir dos conflitos, negociações, trocas, acordos e desacordos, os significados são conhecidos, reconhecidos, apropriados e/ou rejeitados pelos torcedores. Processo

pelo qual são produzidos estímulos que geram respostas que possibilitam movimentos coletivos que nos ajudam a compreender os significados do torcer pelo Democrata. O sentimento de torcer pelo time configura-se como uma organização coletiva de trajetórias individuais, que se expõe e expressam a partir de lugares, desejos, anseios, memórias, identidades, histórias, conflitos e construções.

Chegar ao fim de um trabalho é como pensar em um novo recomeço. Novas questões são suscitadas gerando mais perguntas e possibilidades de desdobramentos. Novos estudos poderão ser desenvolvidos a partir da temática que se elegeu nessa pesquisa. Investigações acerca de torcidas organizadas no interior; políticas públicas de lazer e esporte no que diz respeito ao torcer no interior; debates acerca do torcer e de suas características culturais presentes em diferentes regiões do nosso país; a história do futebol e do torcer em times fora dos “grandes” centros e cidades, dentre outras diversas possibilidades de investigação.

É preciso ressaltar este estudo representa um primeiro passo de um longo caminho a ser trilhado. Um investimento que doou um franco empenho em busca da construção de um novo conhecimento, que possa servir para outros estudos e investigações que se lançarem aos desdobramentos e a riqueza de elementos que o objeto permite, visto a necessidade de ampliações a partir dos indícios propostos.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diva Silva. **Os meios de comunicação na educação rural à distância em Governador Valadares**. 2002. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRACHT, Valter. Educação Física: conhecimento e especificidade. In: SOUZA, Eustáquia Salvadora; VAGO, Tarcísio Mauro (Org.). **Trilhas e Partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Políticas de Lazer. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu; ABRAHÃO, Bruno Otávio L.; SILVA, Silvio Ricardo da. As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.30, n.1, p.9-24, set. 2008.

CERTEAU, Michel de. Anais do Cotidiano. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; e MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Recreação Pública**. Cadernos de Lazer 4. São Paulo: SESC, 1979, p. 29-36.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais, Belo Horizonte.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e Identidade Social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores**. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.11-48, 1998.

_____. **Para o que der e vier – o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores.** Dissertação de Mestrado do Programa de pós-graduação em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens:** duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo, **Revista USP**, n. 22, jun;jul;ago, 1994.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik. A busca da excitação no lazer. In: _____ (Orgs.). **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992, p.101-85.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social:** um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FILHO, Tim. **Democrata: a Pantera Cor-de-Raça.** Governador Valadares: Ed. Do Autor, 2010.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Trad. Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GÍL, Julián Gaston. **Hinchas em Trânsito:** violencia, memoria e identidad em uma hinchada de um club Del interior. Mar Del Plata: EUDEM, 2007.

GOMES, Ana Maria R.; FARIA, Eliene. **Lazer e diversidade cultural.** Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, Christiane Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

GUEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008

GUEDES, Simone Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DaMATTA (Org.), **Universo do futebol.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JAHNECKA, Luciano. **O Jeito Xavante de Torcer**: formação de memórias em uma torcida de futebol. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAGNANI, José Guilherme; e SOUZA, Bruna Mantese de. (Org.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. Quando o Campo é a Cidade: fazendo antropologia. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lillian de Lucca (Org.). **Na Metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: USP; FAPESP, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 13. ed. Campinas, Papirus, 2008.

_____. **Lazer e educação**. 12.ed. Campinas: Papirus, 2007.

MAYOL, Pierre. A Conveniência. In: CERTEAU, M. de. GIARD, L. e MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que historia é essa? In: Carrano, P.C.R. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MELO, Victor Andrade de.; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. M. C. e SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NETO, Gergion Jorge de Souza. **A Invenção do Torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904 a 1930). 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a Educação Física escolar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; SANTANA, Thiago José Silva; GOMES, André Silveira; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo da. Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o Estatuto de Defesa do Torcedor na cidade de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.30, N.2, janeiro de 2009(a), p.25-38.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Políticas participativas de lazer**. Brasília: SESI/DN, 2006.

REIS, Heloísa Helena Baldy. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio às ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol sem fronteira**. 2001. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. In: **Pensar a Prática**, 10/1: 83-98, jan./jun. 2007.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; e SILVA, Inácio Crochemore da. Notas Etnográficas Sobre o Futebol de Várzea. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 153-177, julho/setembro de 2010.

ROSA, Maria Cristina. Festa. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Internet. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz**: da relação do torcedor com o clube. 2001. Tese (doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, Silvio Ricardo da.; NICÁCIO, Luiz Gustavo.; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira.; MELO, Marcos de Abreu. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional /UFMG, 2009.

STRAUSS, Anselm L. and CORBIN, Juliet. (1990). Basics of Qualitative Research. In: FLICK Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra N. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Por que xingam os torcedores de futebol? São Paulo. **Cadernos de Campo (USP)**, São Paulo, v. 3, p. 20-29, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. A dialética materialista e a prática social. In: **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 121-142, maio/agosto de 2006.

_____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, Christianne. **Lazer, Trabalho e Educação:** relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG;CELAR-DEF/UFMG, 2000.

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Termo de esclarecimento relativo à pesquisa de mestrado do pesquisador Tiago Felipe da Silva

E-mail: tiagofelipesilva@hotmail.com Website: <http://gefut.wordpress.com>

Telefone de contato: (31) 36536265 Celular: (33) 88168380 (31) 84595054.

Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG – Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II –

2º andar – Sala 2005 – CEP: 31270 – 901 BH – MG Telefax: (31) 34094592 – E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Prezado(a) torcedor(a), você está sendo convidado a participar de maneira voluntária da pesquisa de mestrado do pesquisador Tiago Felipe da Silva, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

A pesquisa intitula-se: “Esporte Clube Democrata: os significados do torcer no interior de Minas Gerais”. Esta pesquisa tem como objetivo verificar de que maneira são construídas as relações e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata.

Tem como principal benefício subsidiar a elaboração de políticas públicas que versem sobre os torcedores. A sua contribuição consiste em participar de uma entrevista com aproximadamente seis (6) perguntas relativas à temática da pesquisa e sua relação com o time da cidade. Esta entrevista será gravada em um gravador digital, terá duração aproximada de 40 minutos e posteriormente será transcrita para utilização na dissertação do referido pesquisador.

Cabe ressaltar que a qualquer momento você poderá desistir de participar por qualquer motivo, sem nenhum ônus. É importante informar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo nenhum tipo de remuneração.

As informações obtidas através desta pesquisa, além de serem usadas apenas na pesquisa em questão, serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois serão utilizados nomes fictícios no trabalho final.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam informações necessárias caso necessite entrar em contato.

Tiago Felipe da Silva
Pesquisador co-responsável

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do voluntário

Local e Data

Anexo B

Roteiro da entrevista semi-estrutura.

Este foi o roteiro semi-estruturado dialogado com os torcedores dentro do que se pretendia com os objetivos da pesquisa. As entrevistas contaram com outros desdobramentos que se estenderam para além das questões expostas.

Entrevista Semi-estruturada:

1. Como conheceu o Esporte Clube Democrata?
2. Por que torce pelo time?
3. Há quanto tempo torce?
4. Acompanha os jogos do time? Por quê? Como?
5. Costuma acompanhar as notícias do time? Como?
6. Para você, o que significar “ser democratense”?

Anexo C

Tabela de organização das respostas dos torcedores

Torcedores	Por que se tornaram democratenses?	Como exercem esse torcer?	O que significa ser democratense?
Arthur	É... Pela paixão mesmo da cidade, torcer pela cidade, de ver o nome da cidade de ver nome de Valadares no cenário nacional. Sou Democratense com orgulho devido o time representar muito bem a cidade no campeonato Mineiro. Democrata estar projetando assim não só o time como a cidade de Governador Valadares.	Desde criança que já vou ao estádio...pai levava no estádio...	A gente que é torcedor sabe que realmente que você ir ao campo é muito diferente, você pode ver o jogo por televisão com o telão o que for e a emoção de estar no estádio é muito diferente e a torcida é muito apaixonada e é muito dedicada e o torcedor em Valadarenses ele vai a campo ele participa, então vou por isso é uma emoção muito grande, quem é torcedor e que tá me ouvindo aí sabe que isso é um diferencial, não só aqui mais em qualquer outro local...
Dona Clara	Por que gosto. Um é porque é nosso, é de casa aqui, todo mundo é conhecido. Tem essa vantagem, você não gosta quando é uma pessoa sua que está lá? Ah vou ver se fulano vai fazer gol hoje, e coisa e tal e tal. E assim a gente vai <i>panhando</i> amizade, torcendo para aquele, fulano hoje tá melhor.	As notícias sempre eu tenho o jornal né, to sempre olhando né, mas sempre eu vou lá, pego o jornal, olho lá mesmo para ver, eu gosto muito do time. Tô pedindo a Deus para eles melhorarem isso aí, porque a gente	Eu gosto deles é por isso. Se eles fossem lá de Belo Horizonte eu não queria nem ver. Eu gosto dos nossos, das coisas nossas. Nós temos um time que pode aparecer. Aparece aí, gora tá bom, tá com a imagem boa aí, vamos ver o que que eles vão fazer aí. Hoje tem que fazer alguma coisa.

	Quem é que mora aqui e não vai gostar do Democrata menino? Num tem jeito não tem que gostar. Os baúzinho mesmo capricha mesmo, faz força pra fazer o melhor então todo mundo gosta, um lugar que não é grandes coisa que não é grande, com um time desse aqui?! Muito bom! Se vc vier pra qui também vc vai torcer. Valadares é bom viu! O povo todo amigo você conhece todo mundo, num é igual belo horizonte, vitória esses lugar grande, você conhece pouca gente né? Mora, mora lá, já morei em Belo Horizonte e quando acaba conhece pouca gente, agora aqui não todo mundo é conhecido, muito bom aqui! Você já tem parente aqui?	fica em casa e distrai ne? Você gosta de futebol também? ...eu prefiro ouvir pelo rádio. Eu tenho dois rádios. Quanto eu to aqui eu boto ele lá na minha cama, quando eu to lá eu boto lá e fica cheio de gente. Vem os amigos da gente, os rapaizinhos, as moças e aí a gente fica aí...	
Maria	Eu torço porque... primeiramente é um time nosso, valadarense, né?! Mineiro. E é porque eu amo mesmo. Eu sinto prazer em torcer pro Democrata. Animação... Organização... E respeito também dos torcedores com a gente, né?! Por	Eu vou em todos os jogos. Sempre que possível estou viajando também... com o time, com a torcida pra gente estar aí dando forças, né?! Pra todos os jogadores, né?! Pros meninos da torcida também. Acompanho notícias, reportagens... Vou nos jogos.	Eu sou apaixonada com o Democrata. Com os torcedores, com os jogadores... Com todo mundo da organização, tudo. Eu gosto muito e isso é uma paixão que eu tenho dentro de mim. Isso aí (riso contido) não tem como explicar, assim, totalmente. É sem palavras, mas eu sou apaixonada!

	sermos mulheres, eles nos respeitam muito. E é muito bom, eles, a gente fez amizade, junta todo mundo, grita. Faz, né?!, tudo com respeito.	Jornal, é... Tudo! É, procuro saber com os meus amigos também, né?! Que participam da torcida. Ligo perguntando alguma coisa, acompanho o jornal... Fico por dentro de tudo. Faço o máximo pra ficar por dentro.	
Magrão	Meu tio já me trazia aqui pro democrata né. Mas aquela... assim... começou mesmo a ficar muito forte essa paixão foi depois da maior idade né, quando eu voltei de São Paulo aos 18 anos né, viajando com a turma aí, várias cidades de minas, às vezes até saindo escondido de casa, da minha mãe e do meu pai, só aparecia no outro dia. E aí tudo movido por esta paixão.	Olha, ser democratense pra mim é uma alegria, é uma felicidade. É um dia, é um domingo, é um final de semana sem o democrata estar jogando pra mim é triste e quando o democrata está jogando, pra mim, é a maior felicidade do mundo. É estar torcendo para o democrata, viajando nas caravanas, conhecendo outras cidades, outras torcidas. é... estar ali vibrando, cantando, gritando o nome do democrata pra mim é uma felicidade, é uma alegria tremenda. Torcer pro democrata é 10!	Realmente o torcedor democratense ele não consegue, aqui o esporte clube democrata ele é dividido em torcida, não tem como né, cruzeirenses e atleticanos sempre tem um clube grande que o torcedor do democrata torce. Mas é muito bonito de se ver porque quando o democrata joga com um desses dois clubes grandes realmente a maioria dos torcedores que são de coração democratense, eles torcem contra os grandes, porque coloca em primeiro lugar o democrata. É uma coisa bacana e esse clube eu não sei o que que ele tem, sei que ele tem uma magia, ele tem um negocio que contagia, uma paixão, uma coisa, uma loucura mesmo, muito alucinante e é bom demais torcer pro democrata.
Matheus	Por que o Democrata é o time da nossa cidade é o time que representa a nossa cidade e.. é o time	Eu também sou nascido aqui em Valadares também, gosto do time, gosto muito! Gosto de	Nossa! Democrata pra mim é tudo! É a mesma coisa de você estar.. de estar faltando alguma coisa em sua

	que a gente aprende a gostar , quem vê o jogo do Democrata, fica ali na torcida vê como é que é bom ta ali.	acompanhar os jogos também e acho bem interessante assim. Vejo na comunidade do Democrata e tá assim: Apresentação de jogador o dia... o dia que os jogadores vão aparecer, eu fico até de manhã só esperando ver quem é os jogadores, quem é o time que vai ser, quem patrocínio essas coisas , fico por dentro de tudo, quero saber de tudo.	casa, por que eu quando to em casa e vejo na comunidade do Democrata e tá assim: Apresentação de jogador o dia... o dia que os jogadores vão aparecer, eu fico até de manhã só esperando ver quem é os jogadores, quem é o time que vai ser, quem patrocínio essas coisas , fico por dentro de tudo, quero saber de tudo. Sou Democrata sempre! Pode jogar até com a seleção que eu sou Democrata.
Marta	Olha eu torço por que eu gosto de festa e o Democrata é festa é alegria e em segundo tem o amor, por que eu gosto do Democrata, né? Eu sou Valadarense gosto mesmo e carrego o time no coração e se ele ta no alto eu to torcendo se ele ta no baixo eu to torcendo mais ainda e ai vai, eu amo o Democrata! Olha eu torceria pela minha cidade, eu torceria pelo o Democrata, eu sou Valadarense eu tenho que torcer pro Democrata e por que eu gosto dele, e por que eu fico acompanhando	Acompanho os jogos, notícias do time e viajo sempre quando dá.	Pra mim o que significa ser Democratense é lutadora, por que o Democrata não pode deixar de lutar, por que quando a gente luta pra chegar lá em cima, então é muito bom a gente lutar, ter garra ali, vencer, ter amor aos outros pra gente chegar lá em cima.

	quando tem jogo fora eu sempre to indo então é o Democrata.		
Abel	Por quê? Primeiro é por que é o time da cidade, é o time de Valadares, e eu gosto daquele campo ali,	Ir ao campo é gostoso de ir ali aquele gramado é muito bonito! O campo é gostoso e...o prazer de torcer pelo time e de ta no Democrata lá e por que gosto de futebol meus amigos todo mundo ali e quase uma família de torcedores então Democrata pra mim é... eu sou Cruzeirense de paixão,mais se o Cruzeiro vem jogar aqui é Democrata na mesma num quero nem saber não.	E... como eu já falei, é um prazer. Infelizmente é um time que como todo time do interior tem as suas dificuldades, montando time só na época de campeonato, todo ano monta um time aí tem que desmanchar de novo ai depois monta de novo então é um prazer por que eu gosto de futebol né? É o prazer de torcer por um time aqui na cidade é então.. não sei explicar assim, por quê por que assim, mas o fato de ser o time da cidade mesmo, então toda vez que montar um bom time aí eu vou torcer pra ele.
Alex	Eu acho que, até por que a gente tem até exemplo de amigos que não são de Valadares, mas vem morar para, vem morar em Valadares e criam essa identidade com o time. Por que é, como eu já te disse, é uma atração, é a atração da cidade. Então, é difícil você, você vir para Valadares, ou ser de Valadares e não torcer para o Democrata. Você pode torcer para outro time, como eu já te falei, mas você	O Democrata, para mim é o meu time por que... é o meu segundo time por que é o time da minha cidade. Entendeu? É o time da minha cidade e, e, e é um time que eu gosto. Sempre que tem outro jogo aqui, outro time que vem jogar aqui dentro da cidade, para mim é o maior prazer está torcendo pelo Democrata, por ser o time da minha cidade, como eu já havia te dito.	Eu acho que, eu penso que ser democratense é você ser Valadarense, é você gostar da sua cidade e gostar das coisas que têm na sua cidade, como eu já tinha te falado, é, os patrimônios da cidade, voltado para o esporte, especificamente. Mas, o, é isso, o ser democratense é você ser valadarense, é você gostar da sua cidade, do futebol que é praticado dentro da sua cidade que o Democrata é referência. Isso eu acho que é ser democratense.

	que, que reside aqui em Valadares, você vai ser democratense. Você indo ao estádio, você que gosta de ver o futebol, você vai torcer para o Democrata.		
Arlei	É uma coisa de... da cidade e do envolvimento, a minha relação com o Democrata é... é de ter participado do time, de ter uma coisa próxima. Uma coisa próxima, como se fosse uma outra, uma terceira casa que eu tenho. É... meu trabalho, minha casa e o Democrata. Então, eu acho que eu nunca conseguiria torcer contra o Democrata. Independente da situação. Eu não me vejo torcendo contra o Democrata.	Sempre vou em todos os jogos. Módulo B, quando caiu e tudo... E quando posso viajar, eu viajo... Já viajei. Já viajei por conta própria, já viajei em caravana. Quando é em Ipatinga eu sempre vou. Fabriciano, né? Umas duas vezes em BH. Eu que sou professor e lido muito com adolescentes, meus alunos (me matam), dia de jogo do Democrata é, todo mundo marcando de encontrar lá e tal. Encontram centenas lá... é um evento.	Eu acho que é a mais presen... não só presente em quantidade a torcida, mas que tem mais identidade com o time, sabe? Que canta o time, que consegue, por exemplo, quando vem o Atlético ou Cruzeiro aqui, disputar o espaço. Disputa o estádio, fica disputado. A torcida do Democrata faz barulho, perde um pouquinho em quantidade, por que vem gente das outras cidades ver o Cruzeiro e o Atlético, mas o que eu vejo é uma torcida que tem uma identidade com o time. Ir no campo. Eu acho que é fundamental, torcida tem que ir no campo. Eu pelo menos tenho essa leitura, eu acho, cara, tem que estar presente lá, tem que dar uma... tem que fazer a sua parte, mesmo. Ir no campo. É, participar, animado ali no meio da torcida, acho isso fundamental também. E quando puder acompanhar o time, divulgar o time, divulgar, botar camisa, eu tenho camisa, eu uso sempre. É, é, acompanho as notícias do time, é, reclamo, já mandei carta para a assessoria de imprensa, já mandei carta

			para a diretoria (...) Para mim, o torcer, eu gosto demais de futebol, gosto de torcer, gosto de estádio, né? Quando eu morava em Belo Horizonte eu ia em praticamente todos os jogos do Atlético. Em todos. No Campeonato Mineiro, inclusive. E aqui, mais ainda. Aqui, é inadmissível, eu troco horário de aula se bater com horário de, de jogo do Democrata... Eu troco meu horário de aula, gente me substitui aí...
Letícia	Eu acho que é uma coisa meio que ser da nossa cidade, assim, mesmo. Por que a gente tem poucas, poucas coisas aqui em Valadares que são características da cidade, né? É um ponto turístico, né? A Ibituruna, é o time característico da cidade. Agora o futsal feminino também, né? Que a gente tem orgulho também, que é da cidade. Então, eu acho que é mais por isso assim, a gente torce por uma coisa da nossa cidade, né? Mais esse sentimento. E também por gostar muito de futebol, né? Então, acho que é o futebol que está próximo da gente, né?	A gente acompanha pela rádio, né? Essa coisa de acompanhar a Rádio Globo e tal, essas coisas assim. A gente liga sempre no som, ou então vê os gols depois na internet e tal. A gente acompanha bem os resultados pelo Diário, mas acompanho os jogos. Ah, eu acho que, na verdade, é os, os torcedores, o que leva os torcedores ao campo e ter essa emoção, essa coisa toda de, de torcer e tal. Igual todo mundo fala que é a maior do interior e tal, é a melhor torcida, é a mais empolgada e tal, essa coisa mesmo de pertencimento, assim, à cidade, né? Então, eu acho que um pouco tomou Democrata como uma, um, um símbolo assim da	Ser democratense é você ter uma razão para assistir um jogo, você ter uma razão para estar ali no, no campo, para estar ali no futebol. Então, assim, eu não assisto futebol por assistir. Eu tenho um time, entendeu? Do coração. Acho que, acho que é mais ou menos por aí o significado de, de por que torcer, né? Você tem que ter um time que você está apegado àquilo ali. E aí, ser democratense por causa de todo esse significado de infância, de família, de, da cidade, né? Como eu coloquei... É, eu acho que, por exemplo, para, para mim, assim, quando você programa ir ao campo, né, você combina, você, é um lugar aonde você vai encontrar outros amigos, depois dali você vai sair para comer alguma coisa, né? Para sentar para

		nossa cidade e aí as pessoas torcem com esse fervor, essa emoção, né? A gente vê assim, outras torcidas e tal, a gente sempre acha que a torcida do Democrata é a maior, a mais empolgada, né? Então, eu acho que é essa coisa meio da cidade, assim mesmo, né? De ter o Democrata como um símbolo da, da nossa cidade. Você torcer por um time não é só ir no campo, ou ficar sabendo do resultado e tal. Aqui a gente, a gente acha que é torcedora de um time quando a gente sabe as novidades, quem é o técnico, quem é isso, quem é aquilo, não sei quem... Mas acho que é por essas coisas mesmo de ser torcedor assim, você tem curiosidade de saber o quê que está acontecendo no time, né? Ter esse sentimento pelo time, quando você ver o time jogando, né? Acho que ir no, no estádio, ou até assistir pela televisão. Acho que isso é torcer. É estar acompanhando assim, né, o, o, o... Fazer parte da equipe, acompanhando a, a, a equipe.	conversar sobre o jogo. Então, é um momento que você tem de você também estar divertindo, né? Você está ali distraído, você vai ter, tem um, um... você vai com os seus amigos, vai encontrar com eles, então tem um significado dessa, dessa coisa de um evento mesmo, de um programa, né? É como se você combinasse de fazer uma, um encontro, uma festa, de você combinar um almoço em família, você também vai no campo. É um momento, né, que você preparou para aquilo ali, e isso remete várias outras coisas, né? Você vai estar com os seus amigos, você vai estar conversando e compartilhando idéias com eles. Então, você diverte através disso aí, né? É um momento de diversão eu acho... Como se fosse um evento mesmo que tivesse na cidade. Então, é... acho que é meio assim mesmo. É engraçado, por que, por exemplo, algumas amigas vão por que gostam de futebol, outras vão por que está todo mundo indo, né?
--	--	--	---

Roberto	É agora, o por que torce, né, pelo Democrata assim... é... acho por ser valadarense em primeiro lugar, né? Eu sou muito assim... é... muito valadarense muito presente na cidade, né? É... sou daqueles assim que as coisas é... positivas que eu vejo em outras cidades eu gostaria de ver implantadas aqui, né? Então, assim é... e uma delas é o futebol, né? Então você vê, às vezes você vai na outra cidade, você vê que ela tem uma estrutura melhor no sistema viário, ou no sistema de educação, na cultura, aí você fica querendo, né, que tenha isso, né, aqui em Valadares... Mais o amor pela cidade, né?	Na medida do possível eu gosto de ir ao estádio, né? Aliás até... não só para ver os jogos, mas para ver treinos, né? Ou então para saber dos bastidores, né? Do que acontece... Por que às vezes a gente fica sabendo de coisas ali que não sai no jornal, que não sai na mídia, e... acompanho também no... mais no rádio, né?	Olha... é... eu acho que é ser Valadarense, por que o... o torcedor do Democrata ele antes de tudo ele é Valadarense. Ele tem ali implícito nessa relação o amor pela cidade. E eu... uma coisa que eu acho assim muito... interessante, por exemplo, eu percebi isso em vários momentos, é que... é... é... torcer pelo Democrata seria assim, uma declaração de amor a Valadares. Só que... a forma como essa declaração ela exposta é que é diferente. Então às vezes, às... às vezes você pode pegar um torcedor que ele verbaliza uma coisa, mas ali está implícito uma... uma declaração de amor a Valadares, uma declaração de respeito a Valadares mesmo que não seja: “Eu te amo Vivi” por exemplo, né? Uma... uma coisa interes... até mesmo esse sentimento de pertencimento está muito implícito. Tipo quando a imprensa fala “o Democrata de Governador Valadares”, aí já é um...? Ah... “o time de Governador Valadares vai bem...” “Democrata de Governador Valadares...” tal, “Cidade mineira...”. Esse tipo de coisa vem realçando o sentimento. Então eu acho que é por aí.
Abraão	Ah cara, eu acho que é a relação minha com Valadares. Eu	Igual foi o caso. (...) Democrata e Ipatinga, aqui dentro, à noite, o	Eu já fui no Campeonato de Juniores aqui, como torcedor. Já fui em série B.

	gosto muito daqui e eu acho que o Democrata representa muito isso aqui. Tanto é que lá fora, eu adoro falar que a torcida do Democrata é a maior do interior, que o pau come, que para ganhar aqui dentro é foda, é difícil, o cara não consegue. Então, isso demonstra muito a minha relação com a cidade. Paixão por onde você vive, por onde você foi criado, acho que esse é o principal motivo. E veio, e canalizou isso para o futebol.	jogo chuvendo, um jogo ruim para danar, o Democrata fez o... O Ipatinga fez 1 x 0. E a metálica começou, a pular e a gritar e a rodar a camisa e tal. Todo mundo levantou. Todo mundo. O cimento levantou, a cadeira chegou toda lá embaixo, sabe? Uma coisa que eu nunca tinha visto aqui. Acompanho noticiário o, poucas coisas que saem na televisão, eu acompanho. Às vezes passa no MGTV um lance, um comentarista falando, uma coisa assim...internet...	E olha para você ver. Eu que sou um cara que tenho 18 anos, o único título que eu vi o Democrata conquistar foi o título da série B do Mineiro. Que eu estava no campo. Bicho, não tem emoção igual para o torcedor, entendeu? Sabe, parece que é você que ganhou, que estava lá no campo lutando, entendeu? Então eu acho que isso representa demais para, para nossa torcida. Para mim, raça. Entendeu? Onde, eu vejo muito no, no, lá na metálica, que é onde eu freqüento, onde todo mundo se iguala, perante a esse objetivo de vamos lutar junto, vamos empurrar junto para o time conquistar a vitória. Então, ali acaba, ali não tem diferença de classe, não tem diferença de cor, não tem nada. E é isso que me impressiona, e é isso que me apaixona pelo Democrata, entendeu?
Matias	É, paixão, né? Pelo clube, aquilo que você acompanha desde pequeno, você acaba criando um vínculo. Eu acredito, eu, se eu fosse um... uma pessoa numa situação, situação financeira boa, se eu ganhasse um prêmio mirabolante na loteria, eu ajudaria o Democrata. Eu faria o time e eu bancava o time, isso que o	Idas ao estádio. Viagens com a torcida... Sempre, é, através de jornal, estou sempre procurando ficar informado, né? Ligo para o presidente, alguém ligado ao clube, "Como é que está aí? Como é que estão as coisas? E aí, vamos disputar o campeonato?" Viajamos. Em todos os jogos. Acho que tem	(É tudo, é tudo.) É uma coisa que a gente cria uma situação e às vezes você troca de mulher, mas não troca de clube. Por que o clube é uma coisa fiel, que te move, que... uma coisa até difícil de explicar. É fácil hoje em dia, é muito comum você ver as pessoas trocarem de mulher, troca de família, mas ninguém troca de clube. Clube é uma paixão fidelizada... É que, eu acho que todo time do interior,

	presidente faz hoje, acredito que eu como torcedor faria também se estivesse lá. Já vi uns jogos aqui pertinho aqui, Ipatinga aí na série A do Brasileiro dava umas (500, 700) pessoas, enquanto aqui Campeonato Mineiro de Junior aqui a gente botava 4, 5 mil pessoas. Campeonato de Junior aqui a gente botava mais gente do que muito time aí da série A do Campeonato Brasileiro.	sido umas das únicas torcidas do interior de Minas que tem acompanhado o time em todos os jogos. O ano passado, esse ano. Fomos em todos os jogos do Campeonato Mineiro. Todos. Dentro e fora de (Minas Gerais).	existe essa divisão. Você tem um time da sua cidade e tem o time da capital. Que ou é Cruzeiro, ou Atlético ou América. Então, durante o Campeonato Mineiro, eu nem visto a camisa do Cruzeiro. Sou democratense. Torço pelo Democrata. Acabou o Campeonato Mineiro aí eu vou torcer pelo Cruzeiro. Que é o meu segundo time. Meus, meus dois únicos times que eu torço no país. É Cruzeiro e Democrata. Não existe aquela coisa de torcer para time de Rio, para time de São Paulo.
Lúcia	Meu pai sempre acompanhou os jogos, ele gosta muito de futebol e sempre me ensinou, me fez gostar bastante, tanto que hoje eu gosto muito de futebol e comecei a acompanhar. Meu pai sempre me levou, sempre, quando eu era pequenininha, me colocava dentro do campo, entrava com os jogadores... colocava faixinha na cabeça...desde pequena mesmo.	Vou. frequentemente ao jogos... eu prefiro mais a bagunça do que o jogo. Mas é muito bom a bagunça ali e tal... eu acompanho assim, compra e venda de jogadores, quando está na época, eu olho como que vai ser a atração, o quê que vai ter de diferente... É, artilharia, qual jogador está ruim, jogador...	Não só representar a cidade, como ajudar... Por exemplo, eu torço pelo Democrata e eu sou mulher, eu posso chamar: Ou, vamos ali, chamar minhas amigas. Vamos ali ver... Você dá uma assumida, eu acho que é bom para representar. E representar a cidade também, que é... como é interior...